

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ofer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Simpósio 2023

- Introdução
- Vida Una
- A religião é um treino
- A religião do futuro

A alma de um ideal

Imparcialidade:
garantia de paz

Perguntas e respostas
acerca dos símbolos



A religião do futuro: Conectando-se por meio da sabedoria, da compaixão e da paz

Introdução Simpósio 2023

p. 2

O conceito de religião está repleto de mal-entendidos, preconceitos e exemplos negativos. O tema deste simpósio é desafiador: Podemos romper com as velhas mentalidades e construir coletivamente uma imagem renovada baseada na Unidade de toda a Vida?

Herman C. Vermeulen

Vida Una

p. 3

Qual é a origem do nosso desejo de unidade, de laços fundamentais e harmoniosos com todos os outros? Existe de fato uma Unidade subjacente, e como podemos reconhecê-la? E o que significa quando alinhamos nossa vida com a Vida Una?

Renate Pico

A religião é um treino

p. 8

Podemos nos conectar conscientemente com a Vida Una, que essencialmente somos. Mas como podemos fazer isso? E como colocá-lo em prática?

Erwin Bomas

A religião do futuro

p. 13

Sabedoria, compaixão e paz - as principais características da religião na prática.

Barend Voorham



A alma de um ideal

p. 18

Não podemos prescindir de ideais. Se forem impessoais, tendo como objetivo o bem-estar de toda a humanidade, eles são guias de viagem para um mundo melhor. No entanto, se não conseguirmos manter o ideal e ele se degenerar em dogma, na verdade ele impedirá um futuro mais brilhante.

Barend Voorham

Imparcialidade: garantia de paz

p. 27

No seio dos conflitos, prevalecem rapidamente entre os vários participantes pensamentos antagonistas. No entanto, a capacidade para viver a partir de uma compaixão imparcial reside dentro de cada um de nós. Neste artigo vamos descrever duas iniciativas que puseram este ideal em prática durante muitos anos.

Barend Voorham

Perguntas & Respostas p. 30

» Perguntas e respostas acerca dos símbolos

Curso Sabedoria Universal p. 32

A religião do futuro: conectando por intermédio da sabedoria, da compaixão e da paz

Introdução ao Simpósio 2023

Bem-vindos ao nosso Simpósio, no qual pretendemos quebrar séculos de incompreensão e fanatismo acerca do conceito de religião e de tudo o que se relaciona com isso. A religião é um tema muito pesado. Em nome da religião praticou-se – e ainda continua a praticar-se – uma quantidade de sofrimento e desgraça. Ao longo da história a religião foi usada como justificação para cometer alguns dos abusos mais monstruosos contra a humanidade. Para além disso, a religião é muitas vezes abordada de forma cega e acrítica. Muita gente ergueu fortes preconceitos a este respeito. E tem um significado muito negativo para muitos. Como podemos ver, trata-se de um tema muito desafiante.

Termos muito vagos

As palavras que usamos correntemente para definir o que é a religião são vagos, inespecíficos e grosseiros. Na vida diária usamos dois termos: *religião* e *adoração*. A última palavra quer dizer “idolatrar ou servir a deus ou aos deuses”. Estes termos são muitas vezes usados de forma intercambiável, como tendo o mesmo significado. Muitas pessoas já não conseguem mais distinguir entre religião e adoração. Vamos hoje explicar que existem diferenças entre religião e adoração.

Os Teósofos não são ateus

Deixem-me explicar isto: onde é que os teósofos se situam? Os teósofos podem ser chamados “ateus” de acordo com a definição ocidental da palavra “ateu”. Nós não assumimos a existência de um deus todo poderoso que determina tudo. No entanto, nós não somos ateus a partir do ponto da perspectiva da *filosofia oriental*. A

Doutrina Secreta não ensina o ateísmo. (Uma visão da vida sem fé num deus ou deuses) no sentido de que nós somos negadores totais da existência de seres avançados ou de consciência mais evoluída. Nós não negamos isso. Nós assemelhamo-nos mais àquilo a que os Hindus chamam *nāstika*. Um *nāstika* é alguém que *rejeita os ídolos*, inclusive algum deus antropomórfico. Nós respeitamos profundamente os seres mais elevados, mas não os adoramos ou idolatramos. Neste sentido, cada ocultista é um *nāstika*.⁽¹⁾

Construindo uma imagem melhor a partir do zero

Hoje vamos investigar o que seja a religião, juntamente consigo. Construiremos um conceito mais nobre da ideia de religião, baseados nalgumas ideias fundamentais. Construiremos uma nova imagem do que seja a religião a partir do zero. Construiremos uma base para o futuro de modo a que tenha um significado positivo. É por isso que o nosso subtítulo é tão importante – *A Religião do futuro – conectando através da sabedoria, da compaixão e da paz*.

O desafio que está perante esta conferência consiste em quebrar preconceitos negativos e dar outra vez ao conceito de Religião o seu lugar e significado próprios. Queremos trabalhar conjuntamente consigo para fazer regressar o conceito de religião ao seu significado original, para ajudar a construir uma atitude Universal da vida, para expressar a UNIDADE.

Referência

1. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I, (The Secret Doctrine)*, várias edições, p. 279 (edição inglesa original).



Vida Una

Reconhecendo a verdade interior

Conhecemos esse pensamento, aquela impressão, que é actualmente mais uma impressão interior, que há alguma coisa dentro de nós que nos está continuamente a mostrar que podemos fazer melhor? Talvez se reconheça que o pensamento de que nós podemos agir com mais justiça, de que podemos viver mais harmoniosamente uns com os outros e mais sintonizados com a nossa verdade interior? Se a nossa resposta é “sim”, então reconhecemos durante aqueles momentos a possibilidade e o desejo de um modo de vida mais grandioso, mais ético e mais interconectado. Este desejo de uma maior harmonia podemos experienciá-lo quando olhamos para a desarmonia do mundo de hoje, os conflitos e os fluxos de refugiados; a injustiça, a pobreza, e as questões ambientais que vemos à nossa volta. Nesses momentos olhamos, por assim dizer, para o mundo através de duas janelas. Através de uma olhamos para o mundo tal como ele é, através da outra como ele *pode ser*. Quando olhamos através desta última janela, é abundantemente claro que ele podia ser muito melhor. E quando conectamos directamente com essa perspectiva, então não só o reconheceremos como também queremos fazer alguma coisa por ele.

Saudades de casa

Quando olhamos para o mundo com esta perspectiva, sentimos a falta de qualquer coisa com a qual já estivemos conectados alguma vez. Isto é uma espécie de saudades de casa, à qual nós podemos chamar saudades da alma. É um desejo intuitivo pelo estado de harmonia no qual já estivemos outrora, e a que aspiramos outra vez, no mais profundo de nós próprios. Na internet, no anúncio desta conferência, lemos que nós sustentamos que, em cada coração humano, há um desejo de conexão e de unidade. Pela verdadeira conexão com os outros. Com o todo maior do qual nós somos parte, com qualquer coisa maior dentro de nós próprios, que se quer expressar ele próprio.

E não importa quão ocupado estejamos na nossa vida, a própria realização mantém-se sempre presente, encorajando-nos sempre para nos movermos para diante. Essa realização pode ser chamada o nosso instinto espiritual, a saudade da casa da alma espiritual dentro de nós, brotando do fundo dos nossos corações. Essa alma espiritual dentro de nós, que nós podemos avaliar como o nosso âmago mais íntimo e mais duradouro. É a parte imortal dentro de nós, que nos dá constantemente impulsos para evoluirmos e nos desenvolvermos a nós próprios, para

fazer o melhor. É aquela parte dentro de nós que nos mostra como viver conjuntamente em paz e em compaixão, no qual cada ser humano, animal ou planta tem um lugar sob o Sol, que pode crescer e florescer, exterior e interiormente. É o âmago da natureza da nossa consciência. É aquela parte dentro de nós que podemos ver como o guia das nossas vidas.

Despertar a compaixão

Nós experienciamos estes impulsos interiores às vezes fortemente e às vezes menos fortemente. Menos, por exemplo, quando nós estamos focados principalmente no mundo exterior ou quando estamos a obter coisas materiais que são por sua própria natureza perecíveis e que só nos beneficiam a nós próprios. Ao contrário, podemos experimentar esta conectividade muito mais intensamente quando viramos o nosso olhar para dentro, para níveis mais éticos, esquecendo os nossos interesses pessoais e focamos os nossos pensamentos e acções no desenvolvimento e no bem estar do todo.

Nestes momentos, quando a nossa atenção está dirigida para o interior, nós abandonamos o ruído contínuo que decorre dos aspectos pessoais do mundo exterior e podemos portanto conectar com perspectivas e intuições mais profundas presentes dentro de nós. Nesses momentos, quando a nossa atenção está virada para dentro, deixamos de lado o ruído contínuo dos nossos problemas pessoais a respeito do mundo exterior. Podemos portanto conectar com perspectivas e intuições mais profundas existentes dentro de nós. Nesses momentos, podemos nos aperceber do desequilíbrio do mundo mais claramente, tornamos-nos de tal modo conscientes do sofrimento do mundo que

isso faz despertar a compaixão dentro de nós. Por vezes, quando nos conseguimos desligar de qualquer distração do mundo exterior e o nosso olhar está completamente virado para dentro, podemos mesmo sentir por um momento passageiro que somos completamente UM com o Kosmos. Então pensamos que isto é qualquer coisa de muito grande. Então podemos ver a força interconectiva da unidade, na qual todas as coisas vivem e estão inseparavelmente conectadas, na qual todos os seres têm a sua existência e cumprem o seu papel.

O que é a Unidade interligada?

Deste modo, sentimos que esse desejo de uma dimensão mais profunda provem da nossa consciência interior (do nosso conhecimento interior) que atrás de todas as formas mais exteriores constitui uma força interconectiva. Esta força interconectiva é a Vida Una. A busca para a compreensão disso começa com a questão: “O que é que somos na nossa essência?” Somos todos indivíduos separados uns dos outros ou somos parte de um todo maior? Sem excepção, os mestres mundiais de todas as grandes tradições apontam-nos para esta última hipótese. Mas o que é esse grande todo maior e como podemos conectar com ele e viver activamente por isso?

O que é essa Vida Una, que é ilimitada, presente em toda a parte e eterna? É a fonte a partir da qual todos os seres do Universo se manifestam e à qual todos pertencem inseparavelmente. Nós *somos* essencialmente essa Vida Una. Nós somos, por assim dizer, como gotas no grande oceano da vida, como as centelhas de um fogo cósmico, tal como as cores de um raio branco de luz através de um prisma, como os ramos e as folhas de uma grande árvore da vida,

O Homem e o Universo são essencialmente UM

Uma das ideias fundamentais da Sabedoria ancestral da Humanidade é que o Ser Humano e o Universo são essencialmente um. Esta ideia é a pedra chave do Templo da Antiga Sabedoria. Se compreendemos isto, se sentimos isto, se entendemos isto, toda a nossa vida muda radicalmente. Reconhecemo-nos então a nós próprios como pertencendo a tudo, um parceiro, em tempo, de tudo o que o Universo tem e é, caminhando em direcção a um destino tão sublime que os esforços mais imaginativos da humanidade não podem presentemente conceber um esboço fragmentário do que à distância o futuro reserva para nós. Este destino é simplesmente o desenvolvimento, à medida que a evolução prossegue – e o desenvolvimento é aquilo que a evolução realmente significa – do interior para o exterior, a exteriorização do que está aprisionado lá dentro, não só no homem, mas também na própria Mãe Natureza. É a Mãe Natureza, com o seu alcance divino, espiritual, psicológico, etéreo e físico que é a nossa Casa Universal. Uma casa que é Universal porque está em toda a parte.⁽⁴⁾

através da qual flui a corrente universal e cósmica da vida.

A Vida Una : tudo está vivo

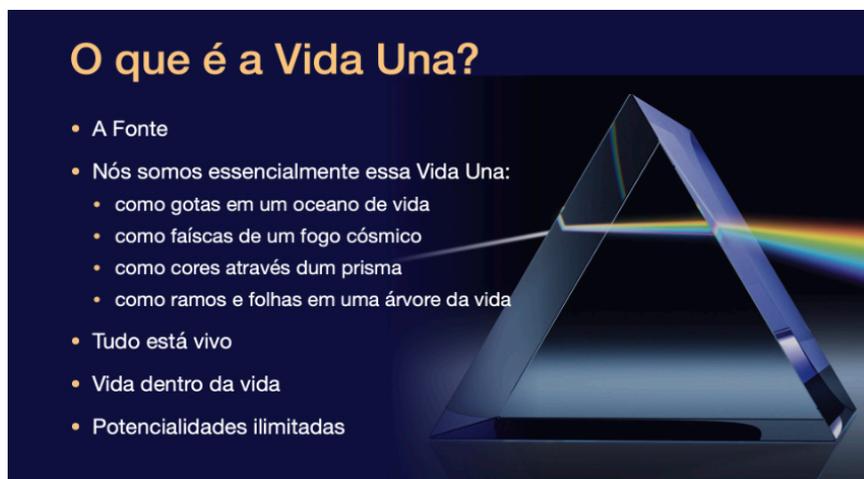
Na verdade, tudo, então, é vida, tudo está vivo. Há uma cooperação consciente atrás de toda a manifestação e nós podemos reconhecer isto pelo facto de todos os seres estarem em correspondência com todos os seres. No Universo não há nada que não esteja vivo – desde o menor átomo, o mundo mineral, o mundo vegetal, e o planeta de que nós humanos fazemos parte, até à galáxia distante, tudo está vivo. Toda a vida está radicada na Vida Una, a nossa mais profunda base de existência. Por consequência, a ideia de que nós podemos estar separados desta unidade como seres distintos é um equívoco. Este sentimento de separatividade isola um ser humano de outro, e este sentimento – como já vimos – não corresponde à realidade. Logo que tomamos consciência de que somos parte da Unidade da vida, nós despertaremos dentro de nós, com efeito, pensamentos despertados da mais elevada qualidade, tal como a responsabilidade de uns para com os outros, e a vontade de contribuir para o desenvolvimento de toda a vida.

A vida dentro da vida

Como é que este grande Todo funciona e qual é o nosso próprio lugar nele? No oceano da vida infinita, tudo é parte de qualquer coisa maior. Ele tem uma estrutura ordenada, na qual cada ser é parte de um ser maior, aquilo a que nós chamamos vida dentro da vida. Um simples exemplo disto são as células vivas e os órgãos que são parte dos nossos corpos. E similarmente, o homem é parte da terra *viva*, que por sua vez é parte do sistema solar *vivo*. Que é por sua vez parte da galáxia *viva*. E isto segue infinitamente. Há uma grande ilimitada cooperação da vida dentro da vida e, deste modo, todos os seres são elos inseparáveis dentro do grande todo. A partir daqui podemos concluir que não há um deus supremo que cria a vida, porque cada ser é eterno, é na sua essência uma Vida Una, sem princípio e sem fim.

Desenvolvimento interior

Porque a Vida Una é ilimitada, cada um de nós tem, dentro de si, potencialidades ilimitadas. Nós podemos, nas sucessivas encarnações, expressar cada vez mais potencialidades.



Por consequência, em cada jornada estamos uns com os outros. Cada ser está num nível diferente do seu desenvolvimento interior, e isto explica a variedade de seres que nos rodeia. Esta variedade, se prestarmos atenção, é imensa. Não há uma estrela no firmamento que seja exactamente igual a outra. Não há um ser humano que tenha as características exactamente iguais às de outro companheiro ser humano. Cada folha de uma árvore, sim, cada célula do nosso corpo não é exactamente a mesma que as outras. Porquê? Porque durante o passado sem fim todos os seres passaram através de uma única via de desenvolvimento e de desdobramento. Assim, todos nós estamos numa peregrinação espiritual dentro da Ilimitada Vida Una. Para retomar a analogia anterior, nós emergimos do fogo cósmico como centelhas inconscientes e percorremos um caminho de crescimento interior para ser capaz de retornar à Vida UNA com autoconsciência. da nossa pressão para exteriorizar mais o que está dentro de nós próprios. Caminhando cada vez mais para dentro e para cima, está a ser construído um caminho que nos guia de volta à nossa fonte, a Vida Una. Este regresso à nossa fonte é a chave para compreender de onde vem a saudade da nossa alma, de que já falámos. É a memória do nosso âmago mais profundo da estadia na nossa casa espiritual. A Vida Una, que, tal como uma vaga memória, está ainda presente em nós e está na origem de todos os nossos ideais, intuições e aspirações. Este âmago mais profundo encoraja-nos a expandir a nossa compreensão e a viver mais nobremente. Sempre que procedemos assim, *conectamos* cada vez mais com o nosso próprio âmago. Pode-se dizer também que nós *retomamos o contacto* com isso, porque, além disso, provimos dele, é a nossa fonte. Todos nós emergimos de um estado de unidade, de que não estávamos conscientes naquele momento. Éramos como bebés experimentando a harmonia, mas não

percebendo isso conscientemente. O nosso desafio agora, como entes pensantes auto-conscientes, é aprender propositalmente a conhecer essa unidade, familiarizarmo-nos com ela, e eventualmente tornarmo-nos nela. H.P. Blavatsky colocou este problema no seu livro *A Voz do Silêncio*: “Não separarás o ser do SER ou de qualquer coisa mais, mas unir o Oceano com a gota e a gota com o Oceano.”⁽¹⁾

A religião é a reconexão com a Autoconsciência

A esta reconexão com a Autoconsciência podemos chamar religião. A palavra religião deriva do latim *re-ligare* e isso quer dizer voltar a conectar. Nós reconectamos com aquilo que somos na essência. E daquilo de que, na verdade, nunca nos separámos. A partir daquilo de que talvez pensámos estar separado, por algum tempo, mas que agora vemos ser uma ilusão. Assim, praticar a religião neste sentido puro é *reconectar com o nosso próprio âmago espiritual*. E por meio do reconhecimento do nosso âmago espiritual, nós *reconectamos com tudo o que vive*. Descobrimos que o nosso âmago não é de modo nenhum diferente de nenhum outro âmago. Reconhecemos a nossa fundamental igualdade com todo o mundo e com todos os seus habitantes e começamos a apoiá-los de todas as maneiras possíveis. Sabendo que cada ser é perfeitamente igual a cada outro ser.

Neste sentido inspirador, a religião é relevante para todos nós. Porque cada ser humano é potencialmente religioso, mesmo se uma pessoa actualmente experiencia isso ou não. Afinal de contas, o âmago mais profundo de cada ser humano está radicado na Vida Ilimitada, na Unidade.

A religião é a procura da Verdade e da conexão consciente com ela

Consiste a prática da religião num assunto *crer* ou *procurar a verdade e conectar conscientemente com isso*? É esta última. Podemos investigar se, atrás desta multiplicidade de seres há uma unidade a interligá-los. Podemos investigar se todas as coisas estão inseparavelmente conectadas umas com as outras e portanto a influenciar-se continuamente umas às outras. Podemos examinar se cada ser humano anseia nas suas camadas mais profundas pela harmonia, pela compreensão mútua, pelo apoio recíproco. Porque a verdadeira religião é a *compreensão auto-adquirida* da vida, podemos aplicar esse conhecimento independentemente em todas as circunstâncias, mesmo em circunstâncias muito difíceis. Nunca precisamos de nos apoiar nas autoridades. Podemos sempre apelar às nossas capacidades de entendimento.



Religião é viver na prática a partir da Unidade

Quais são as consequências de nós assumirmos que a Unidade ilimitada é um facto? A primeira consequência é talvez uma grande surpresa. A questão é que nunca mais precisamos de *procurar a unidade*, nem no mundo nem na comunidade onde vivemos, porque a unidade e a conectividade estão já aí, é já um agora muito importante. O grande desafio é viver segundo esta ideia básica, segundo a sua realização. Já não nos esforçamos mais pela unidade, mas usamo-la como um ponto de partida e vivemos segundo ela.

A segunda consequência é de natureza ética, diz respeito à nossa própria orientação moral. O desejo de fortalecer o altruísmo no mundo é a consequência lógica do nosso sentido de unidade. Além disso, o que acontece aos outros seres vivos tem muito a ver conosco, tal como o que nos acontece a nós próprios. A ética, então, está fundamentada na natureza do Universo. Aqueles que pensam só no próprio benefício pessoal não só vão contra a Lei fundamental do Universo, mas vai também contra a Lei fundamental da sua própria parte imortal. Deste modo estamos a criar duas desarmonias, no mundo e em nós próprios.

No livro *A Voz do Silêncio*, de H.P. Blavatsky, encontramos este pensamento belamente expresso. “Ajudemos a Natureza e trabalhemos com ela; e a natureza olhar-vos-á como um dos criadores e curvar-se-á diante de vós.”⁽²⁾

Desenvolvimento infinito e os nossos precursores

Se olharmos agora para as religiões a partir da ideia da vida ilimitada, verificamos que não há um ponto final nas nossas tentativas de viver mais religiosamente, não há limite para a compreensão auto-consciente da nossa conectividade para a Unidade. Podemos sempre aprender a viver mais em harmonia com a Unidade, cada um de nós no seu próprio caminho interior e no seu ritmo próprio. Isto é um pensamento que pode surpreender-nos: um crescimento

interior que pode crescer para sempre. Mas é a conclusão lógica do que se escreveu acima. Afinal de contas, cada ser é ilimitado no seu âmago.

Este pensamento também implica que existem igualmente seres mais avançados, que desenvolveram já aquele sentido de unidade num grau muito mais elevado do que qualquer um de nós. E nas mentes daqueles seres mais avançados do que nós, aquilo que pode ser ainda uma vaga imagem *para nós* tornou-se uma visão de cristal claro para eles. Para eles não é uma teoria, mas um evidente conhecimento e experiência auto-consciente. Estes precursores espirituais indicam incessantemente à Humanidade a realidade da Vida Una. Assim, essa mensagem pode ser recebida por todos os humanos em cada época.

Estes nossos precursores são aqueles que, periodicamente, nos dão novos impulsos aos ensinamentos sobre a Unidade, para inspirar a Humanidade. Quanto mais pessoas ouvirem estes impulsos e fizerem alguma coisa com eles, tanto maior será o seu desenvolvimento no crescimento mundial. Na verdade, todas as pessoas que agem a partir desta palestra aprenderão uns com os outros e inspirar-se-ão uns aos outros.

Podemos dizer que onde há desarmonia na vida as pessoas não reconhecem e todavia não compreendem suficientemente a Unidade da Vida. Os vários instrutores mundiais trazem sempre, portanto, a mesma mensagem ao mundo e com a mesma essência, designadamente a mensagem da Unidade da Vida, cooperação harmónica, compaixão por todas as vidas, e usando as nossas qualidades de crescimento para contribuir para a Vida Una. É próprio de nós entender melhor esse pensamento essencial e transformá-lo em ideias claras, que os outros, por sua vez, podem entender.

Crescendo na compreensão, nós iremos, passo a passo, criando uma atmosfera que uma inspiração a partir de UNA fonte Universal, pode voar e florescer no mundo.

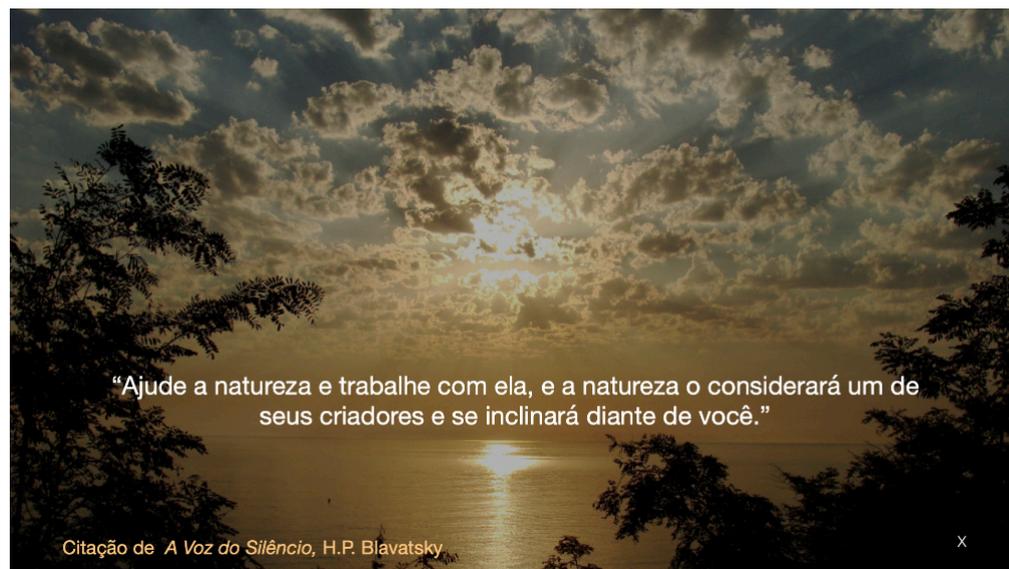
Como é que se pode reconhecer a Vida Una?

Depois desta introdução à Vida Una podemos enriquecer o nosso pensamento em conjunto nesta oficina “Como é que se pode reconhecer a Vida Una”? Para concluir esta primeira conferência, finalizaremos com a seguinte citação inspiradora do Livro *A Doutrina Secreta*, de H.P. Blavatsky:

“Levante a sua cabeça, ó Lanoo, e veja incontáveis luzes em cima de si, brilhando no céu escuro da meia-noite.”; “Eu percebo uma Chama, ó Gurudeva; eu vejo numerosas centelhas não separadas brilhando lá.”; “Falaste bem; e agora olha à volta de ti e dentro de ti; Tens a impressão que a luz que arde dentro de ti é de alguma forma diferente da que brilha nos teus Companheiros.”; “Não é diferente de modo nenhum, embora o Karma conserve o cativo nas cadeias e embora a sua vestimenta externa engane o ignorante e os faça dizer ‘A tua alma e a minha alma’”.⁽³⁾

Referências

1. H.P. Blavatsky: *A Voz do Silêncio (The Voice of the Silence)*, fragmento 3, “Os sete portais”. Muitas edições, verso 24 deste fragmento.
2. Ver referência fragmento 1 *A Voz do Silêncio* verso 68 deste fragmento.
3. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta (The Secret Doctrine)*, Volume 1, várias edições, pág. 120, (edição inglesa original).
4. G. de Purucker, *Ensinamentos Esotéricos (Esoteric Teachings)*, vol. XII, a Morte e a Circulação do Cosmos 2. A Haia, Fundação ISIS, 2015, pág. 19 (p. 3 na 1ª edição, 1936).





A religião é um treino

Como tornar-se consciente da unidade?

Na primeira palestra, explicámos que há um importante significado universal escondido atrás da palavra religião. Religião, derivada de *religare*, significa voltar a ligar. Isso quer dizer que nós nos conectamos com alguma coisa com a qual já estivemos conectados antes. E vamos discutir agora que esta conectividade está enraizada na unidade de toda a vida. Nós emergimos desta unidade, retornamos a ela, e, na essência, somos essa unidade. Estamos, portanto, conectados com isso, mesmo agora e neste momento e sempre estaremos no futuro. Mas imaginamos isso agora? Este é o primeiro significado da religião: *tornarmo-nos conscientes* disto outra vez. Tornarmo-nos conscientes da Vida Una que nós somos em essência, religando-nos conscientemente a isso. Há, porém, um segundo

significado. E esse segundo significado tem tudo a ver com o como podemos *adquirir* essa consciência.

Porque como é que vamos fazer isso? Como pôr isso em prática? Isso é o tema desta conferência. Vamos voltar a este segundo significado da palavra religião dentro de momentos.

Na primeira palestra, apresentámos uma visão da Vida Una. A Vida Una está sempre presente, por toda a parte e é, na essência, ilimitada. Isso quer dizer que, transformando-nos conscientemente, uma vez mais, com essa Vida Una, é um processo que continua infinitamente. É um crescimento constante e de profunda compreensão da unidade, identificando-se com isso cada vez mais. A concretização de ser um com o outro, com a nossa família, com os parentes, com o país, com a Humanidade, com este planeta, com todos os seres vivos, com o Universo, etc. Mas isto não acontece

Religião como *religare*

- Literalmente: reconectar
- Tornar-se consciente de nossa conexão com a Vida Una



automaticamente, só pode acontecer se nos esforçarmos conscientemente por isso, escolhendo conscientemente isso e agindo em conformidade. Isto requer a necessária auto-eficácia e disciplina. Não é diferente o que alcançar um mestrado em qualquer outra matéria. O mestrado apenas pode ser atingido por meio de um treino intenso, persistente e incessante.

Desempenho máximo de classe mundial

Veja-se, por exemplo, um músico de classe mundial, um investigador topo de gama, um verdadeiro artesão ou um atleta profissional de alta competição. Quantas horas é que eles dedicam à sua profissão? Considere a propósito quantas coisas é que ele tem de pôr de parte para atingir a perfeição na sua música, disciplina ou desporto? Mesmo quando ele descansa ou executa os seus deveres diários, o seu ideal está sempre dentro da sua cabeça, como uma meditação activa.

Então, se isso é tão evidente para as disciplinas físicas, mentais, culturais ou artísticas, porque é que havia de ser diferente no caso da espiritualidade? E ainda mais porque o campo da espiritualidade é universal. Ele aplica-se a qualquer disciplina da vida e ao mesmo tempo transcende todos eles. É acerca do todo maior, à cerca da Vida Una como um todo.

Por outras palavras; se tomamos a religião a sério, no sentido de nos tornarmos conscientes da unidade que nós essencialmente somos, então isso também requer escolhas deliberadas. Não apenas em ocasiões especiais através do ano, ou num dia particular da semana, ou nalgumas vezes durante o dia. Ela requer uma disciplina contínua, prática, treino, paciência, perseverança, mas, acima de tudo, uma atitude mental sustentável, *sete vezes 24 horas*. Uma atitude mental caracterizada pela sabedoria e compaixão e que ao mesmo tempo oferece paz, alegria e a mais elevada satisfação. A religião consiste num desempenho máximo. Tal como a mais elevada qualidade na arte, no artesanato, investigação de alto nível, e desporto de alta competição. Isto é tudo aquilo de que a segunda definição de religião fala.

Religião: a escolha do caminho certo

Vamos olhar outra vez para as outras derivações etimológicas da palavra religião, que aponta para este significado. O filósofo e político romano Cícero fala de uma derivação proveniente da palavra latina *relegere*, que significa ler outra vez ou pôr em prática.⁽¹⁾ Ele relaciona isso, por

Religião como *relegere*

- Literalmente: ler novamente ou colocar em prática
- O esforço da consciência para pensar e agir com base na unidade



exemplo, com a palavra *elegante*, que quer dizer escolhendo ou boa selecção. Ou com a palavra *inteligente*, que implica compreensão e discernimento. Todas estas palavras compartilham a mesma raiz *lex*, que significa lei. E esta não significa exactamente uma lei qualquer, mas sim as leis da Natureza. Elas são orientações espirituais ou divinas. Assim, de acordo com esta derivação da palavra, religião quer dizer escolha ou selecção mais elevada, orientações espirituais a serem seguidas. E se nós começamos pelo Ilimitado como primeiro princípio, então não temos que procurar fora de nós aquelas mais elevadas orientações espirituais. Porque nós somos essencialmente essa unidade, nós não estamos separados do Ilimitado. Tal como tudo o que vive não está separado dele. E portanto também não está separado de nós.

Uma escolha dentro de nós próprios

Mas quando se trata de uma escolha dentro de nós próprios, quem exactamente está a escolher e o que é que há lá e entre quê para escolher? Como foi dito na primeira palestra, como seres humanos nós ficamos muitas vezes num cruzamento entre duas partes de nós próprios. A nossa parte exterior reage instintivamente a partir do seu próprio eu pessoal, por medo ou por outras emoções. Fora da inquietação dos seus próprios desejos. Da sua auto preservação ou dos seus próprios interesses. Quando nós nos identificamos com isto, imaginamo-nos então a nós próprios separados da unidade que nós realmente somos. No entanto, na nossa parte interior, a que nós também chamamos alma espiritual na nossa primeira palestra, nós somos um com todos. E quando nós ouvimos a nossa parte interior, através da nossa consciência e da nossa intuição, nós também agimos de acordo com a interconectividade, a coerência, a unidade de toda a vida.

Como seres humanos, nós estamos a aprender a fazer da

nossa parte interior a força que guia a nossa parte exterior. E isso não significa que nós precisemos de nos opor, de lutar contra ou de castigar essa parte exterior, tal como às vezes se diz. Nós precisamos da nossa parte exterior para ser activa e interveniente no mundo. Precisamos direccioná-la adequadamente e enobrecê-la. E como seres humanos, que tudo começa com a direcção dos nossos pensamentos. Porque, como seres pensantes, consciente ou inconscientemente, estamos a escolher os nossos pensamentos. Podemos dirigir-nos melhor a nós próprios e às nossas vidas se nos tornarmos mais conscientes dos pensamentos que pensamos e encorajar aqueles que estão em linha com a unidade da vida e esquecem todos os outros, lenta mas seguramente. *Religião consiste no esforço consciente baseado na unidade dentro de cada um, da qual emerge a acção baseada na unidade do mundo.*

Duas direcções

Quando estamos a falar de religião, acerca da consciência da unidade na prática, isso significa que nós estamos a combinar duas direcções. A direcção interior, para alcançar a iluminação interior, e a direcção exterior, passando a luz para os outros. É como acender outras velas com o nosso próprio lume. Estas são as duas direcções que, de facto, são apenas uma. Para a direcção interior, a ênfase consiste em conectá-la por meio da sabedoria. E para a direcção exterior, a ênfase está em conectá-la através da compaixão. Porém, actualmente, a primeira pode também ser chamada exterior e a última interior, e também a sabedoria e a compaixão dificilmente podem ser separadas, então esqueçamos as palavras e, provavelmente, o significado será mais claro.

Conectando por meio da sabedoria

O nosso ponto de partida é que nós somos essencialmente a VIDA UNA, aquela unicidade, aquela REALIDADE ilimitada. Ora a sabedoria pode ser definida como conhecendo a VERDADE. Porque seguindo o que não é verdadeiro não pode ser ajuizado. Por consequência, se a Realidade consiste essencialmente na Vida Una, então a sabedoria consiste na nossa visão dessa Vida Una. Como e quando achamos nós a sabedoria? Em primeiro lugar, se nós examinarmos todas as tradições religiosas do mundo, veremos que todas elas têm uma única e a mesma Sabedoria. E também os Mestres que estiveram na origem destas tradições apontam sempre para uma e mesma Sabedoria. Um dos principais trabalhos de Helena Blavatsky foi fazer esta fonte comum de sabedoria de todas as grandes tradições conhecida pelo mundo e o seu livro *A Doutrina Secreta*

está cheia de exemplos que demonstram isto. Contudo, quando se começa a descobrir a verdade, a investigação acerca das antigas tradições religiosas torna-se apenas um trampolim.

Religião, filosofia e ciência

A questão é encontrar a sabedoria dentro de nós próprios. E então a religião, conectando activamente com a unidade da vida, é apenas uma de três vistas da realidade. Porque se a sabedoria é igual ao conhecimento da verdade, então podemos activar e implantar duas outras faculdades interiores a acrescentar à consciência religiosa da unidade. Consideremos ver a coerência a desenvolver uma visão, compreensão e intuição universais. Isto é bastante o domínio da filosofia. E, em aditamento, nós também temos a nossa lógica, a capacidade para analisar e organizar os nossos pensamentos e a razão. O domínio da ciência.

Se o desenvolvimento da sabedoria consiste essencialmente na procura da verdade, porque não usar todas as nossas faculdades para formar uma visão da unidade da vida? A verdadeira religião, portanto, não pode ser separada da filosofia e da ciência. E a verdadeira filosofia e a verdadeira ciência não podem ser separadas da religião. Apenas pode haver uma REALIDADE ou VERDADE e então isso deve ser explicável tanto em termos religiosos quanto científicos. A verdadeira sabedoria, então, satisfaz não apenas o nosso mais íntimo sentido *ético* da unidade, mas também a nossa maior compreensão e perspectiva do *universal*. E, além disso, é *lógico* e consistente com os factos tal como os conhecemos.

Auto-conhecimento, a criança das acções amorosas

Finalmente, uma frase acerca do desenvolvimento do conhecimento por Helena Blavatsky extraída do seu opúsculo *A Voz do Silêncio*. Ela escreve aí acerca do Conhecimento do EU, escrito em maiúsculas. Este Eu mais elevado é expresso através destes mesmos poderes mais elevados do pensamento. O nosso sentido de unidade, a nossa perspectiva ou intuição e o nosso intelecto. Deste modo, este auto-conhecimento é equivalente a sabedoria. E ela escreve: “O auto-conhecimento é a criança das acções amorosas”.⁽²⁾ Por outras palavras, nós só nos tornamos sábios quando começamos a viver para os outros. E então vemos logo a conexão entre a sabedoria e a compaixão.

Conectando através da compaixão

Porque podemos até agora estar a pensar que isto é de alguma forma uma teoria; procurar a verdade, reunindo

em conjunto a religião, a filosofia e a ciência, procurando o que é ético, universal e lógico, etc. Mas, naturalmente, a sabedoria que *praticamente* aplicamos não é a verdadeira sabedoria, mas uma simples sabedoria livresca. E aqui está onde ambas as direcções se juntam, onde se vê que elas são actualmente uma e a mesma. Porque ser sábio é agir sabiamente. E agir sabiamente, agir a partir de um sentido de unidade, é ser compassivo. Porque quando nós reconhecemos que tudo é essencialmente um, então estamos a agir nesse caminho. Percebemos cada vez mais que nós somos o outro e então há que fazer pelo outro exactamente o que faríamos por nós próprios.

Compaixão

Permita-se falar um pouco mais acerca deste conceito de compaixão, porque muitas vezes as pessoas confundem isto com piedade. Para começar, quando se tenta compreender como se experimenta qualquer coisa, ficamos também maia capazes de ajudar os outros. Porque o sofrimento tem dois significados: sofrer por alguma coisa ou suportar alguma coisa. Podemos sofrer passando passivamente por alguma coisa e ficando triste por isso, mas também podemos sofrer em consequência, tolerando ou suportando alguma coisa com a nossa cabeça bem erguida. No primeiro caso, podemos nós próprios ser vítima das circunstâncias. Sofremos agora porque nos identificamos com o nosso exterior, a parte transitória. Identificamo-nos com o nosso corpo que pode estar em sofrimento, que sentimos ter sido ferido ou a nossa personalidade, que foi atingida. Porém, no mais íntimo de nós sabemos que estas coisas são apenas temporárias e não nos ajudarão a seguir em frente. Porque nós podemos também experimentar ou suportar alguma coisa a partir da sabedoria ou conhecimento interior, que tem significado em tudo o que se experimenta ou defronta na vida. Uma lição que se pode aprender, desde que estejamos abertos a isso. Na verdade, não há mais sofrimento nesse ponto. Somos então capazes de vislumbrar uma situação a partir do interior, altruísta e acima da motivação pessoal: sabendo que isso tem significado, que há uma lição educativa nisso, que isso é uma consequência de uma causa auto-criada antes, uma desarmonia que tem de ser restaurada. Não sofremos, mas controlamos e temos mão na situação. E porque nós próprios não nos perdemos em emoções, mas podemos aguentar com calma, perspectiva e sabedoria, podemos também ajudar outras pessoas neste processo e propor soluções para alcançar a harmonia. Reconhecemos o sofrimento dos outros como se fosse o nosso próprio sofrimento. E porque

através do sofrimento nos podemos ver a nós próprios, podemos também ajudar os outros a ver através dele.

E isso mostra também imediatamente porque é que a sabedoria nos ajuda a ter mais compaixão. Porque se nós não temos a sabedoria para reconhecer e exprimir a parte interior dentro de nós, também não podemos ajudar os outros.

Interior como exterior

Deste modo, a religião é um processo paralelo da mais interna conexão com a sabedoria dentro de nós próprios e a conexão exterior através da compaixão pelo mundo que nos rodeia. E estes dois reforçam-se um ao outro. Exercício interior, prática exterior. Tal como um músico ou um atleta de classe mundial, pode-se atingir ou conseguir um pouco depois de uma certa quantidade de exercício ou trabalho. E, uma vez alcançado um certo nível, teremos que provar o nosso valor cada vez mais na prática, em toda a espécie de acções e circunstâncias. Sem esquecer que a religião não é apenas um momento, ou uma disciplina ou campo particular. Temos que praticar continuamente a nossa sabedoria interior, em cada aspecto da nossa vida. Estamos continuamente a praticar a nossa atitude de compaixão para com quem quer que seja.

Esta união do interior com o exterior é qualquer coisa que pode ser encontrada em todas as grandes tradições da sabedoria. Por exemplo, na invocação de Sócrates: “Ó Pai Zeus, guia-me para viver de modo a que o homem exterior na terra e o homem interior sejam um só⁽³⁾”; ou na frase de Jesus: “Amemos o nosso Deus acima de todas as coisas. E, igual a este preceito, amemos o nosso próximo como a nós mesmos”.⁽⁴⁾ E, como se pode compreender agora, em ambos os casos não se trata de um deus exterior a nós, mas do deus interior dentro de nós próprios.

A religião é uma sessão de exercício

Isto é também consistente com a auto-eficácia que a religião exige de nós. É a auto-eficácia que os Mestres espirituais, tanto do Oriente como do Ocidente, têm vindo a ensinar. “Tudo o que é composto é impermanente e insustentável. Trabalha a tua própria beatitude com devoção”, foram as últimas palavras do Buda.⁽⁵⁾ “Tome o Reino dos Céus (que está dentro de nós) pela força”⁽⁶⁾, disse Jesus, e Platão escreve que “aprender é igual a recordar”, recordar aquilo que já está nas nossas almas. Nós não podemos receber nenhum favor do exterior, apenas podemos tornar-nos conscientes da nossa unidade com tudo. Se nos envolvemos conscientemente

neste sentido de unidade nos nossos próprios pensamento e acção.

Religião é uma sessão de exercício. Religião serve para realizar a nossa auto acumulação de sabedoria, a nossa visão da unidade, num caminho sustentável para nós próprios e através das nossa acções compassivas no mundo.

Paz

É o foco que nós colocamos numa escolha consciente, trabalho duro, a comparação com o artesanato, desporto profissional, investigação de topo ou música de nível mundial, quando a religião deveria, para mais, também levar à harmonia, à paz e à tranquilidade? Esta contradição é apenas aparente. É apenas o paradoxo, que o sábio chinês Lao-Tsé também cita no seu Tao-Te-Ching: “O Sábio nada faz (Wu Wei), mas não deixa nada por fazer”.⁽⁷⁾ Este nada faz não quer dizer em absoluto que o Sábio não age, mas sim que ele sabe exactamente como fazer o que é necessário no momento e que ele não valoriza o resultado daquelas acções. Para além disso, ele age com calma e pacificamente porque isso é para ele o modo mais natural de agir, mesmo se pensarmos que isso implique algo que os outros achariam duro, complicado ou stressante. É o carácter pacífico da acção que resulta da conexão com a sabedoria e com a compaixão, quando o exterior é guiado pelo interior. A acção exterior a partir do sentido interior de unidade estão então em tal completa harmonia que isso se torna totalmente imperceptível. Por exemplo, um bom equilibrista de corda bamba aparece a caminhar razoavelmente calmo e de forma pacífica sobre a corda entre dois arranha céus, mas evidentemente que esta calma e paz interior é o resultado de uma prática e concentração interiores sustentável. Paz, então, requer actividade contínua, de pensamento e acção em conjunto. Ela emerge de uma compaixão activa, de uma sabedoria activamente aplicada.

Trabalhar em conjunto para o mundo

Finalmente, com toda a ênfase na auto-eficácia, devemos admirar-nos se a religião é prioritariamente um assunto individual. Isto também é um paradoxo. O trabalho individual é precisamente o que faz falta para melhor contribuir para o mundo. E quanto melhor fizermos como trabalho individual baseado num sentido de unidade, tanto mais forte também será o colectivo que reunirá ao seu redor. Porque o trabalho espiritual também será naturalmente

Religião é trabalhar juntos pelo mundo

- Trabalho junto baseado na unidade
- Divisão natural do trabalho
- Auto-actividade



muito melhor quando trabalhamos em conjunto. Pode-se imaginar que quando a compaixão é essencial num grupo de pessoas, ela produz uma enorme interacção inspiradora. A partir de um ideal compartilhado, ajudando-nos uns aos outros independentemente, a compaixão e a sabedoria tornam-se uma força no mundo.

E com boa cooperação aparece uma natural divisão do trabalho, na qual àquele que é mais habilitado é atribuída a responsabilidade de ajudar a vigiar o todo, de ajudar devagar ou depressa, consoante o que for necessário. Tal líder sabe que a sabedoria não vem do exterior, mas que se desenvolve sempre a partir de dentro. Por isso, tal como um líder nunca domina ou impõe, mas sempre inspira. E quando trabalhamos bem em conjunto, o “soldado” individual também não precisa de muitas ordens. Cada um vai para o seu trabalho com auto-actividade, cheio de compaixão e com um sentido de unidade. Por seu turno isto atrai mesmo outros mais, mesmo independentemente de quererem ou não fazer da sabedoria e compaixão o centro das suas vidas. E não é este o trabalho que é mais desesperadamente necessário? Quão diferente não seria o mundo se as pessoas trabalhassem activamente para conhecer a sabedoria, a compaixão e a paz? Não é aquilo que a religião do futuro deveria ser?

Referências

1. Ciceró, *De natura deorum II*, p. xxviii.
2. H.P. Blavatsky, *AVoz do Silêncio (The Voice of the Silence)*, Fragmento II, “Os Dois Caminos”. Muitas edições, verso 40 deste fragmento.
3. Platão, *Fedro*, 279bc (paginação universal Platão).
4. *A Bíblia*. Marcos 12:30-31.
5. Fonte: *Mahāparinibbānasutta*.
6. *A Bíblia*. Mateus 11:12 e Lucas 17:21.
7. Lao-Tse, *Tao Te Ching*, verso 48 e 64, várias traduções.



A religião do futuro

As características do ser religioso

O futuro vem de trás para a frente. Se queremos uma religião inspiradora para o futuro, que faça sobressair o melhor das pessoas e crie uma sociedade dinâmica e harmoniosa, temos de trabalhar nela AGORA, porque o futuro começa AGORA. Para cada um de nós, a religião de amanhã já pode ser uma realidade *hoje*. Se esperarmos e não fizermos nada, nada acontecerá. Então, o amanhã será desprovido de uma nova religião. Mas agir sem um plano, sem uma reflexão adequada, também não é desejável. Por isso, temos de refletir bem sobre o que é a religião e a que deve obedecer, se quisermos que seja uma base sólida para a sociedade harmoniosa que todos desejamos.

Na primeira palestra, falámos da saudade de casa, da saudade de uma Verdade maior. No entanto, essa saudade não é um ponto de chegada. É preciso identificar as características dessa religião, como acabámos de discutir nas oficinas.

Com base nas duas palestras anteriores, identificámos três características gerais principais que gostaríamos de discutir com vocês. Naturalmente, estas características não são inalcançáveis. Podem certamente ser aperfeiçoadas e complementadas. Gostaríamos de ouvir, mais tarde, dos líderes das oficinas, adições e talvez exemplos de como esta religião nos pode inspirar.

Estas três características gerais que identificámos não podem ser separadas, formam uma unidade. Mas, por uma questão de clareza, dividimo-las em Sabedoria, Compaixão e Paz.

Sabedoria

Começemos pela primeira qualidade principal, a sabedoria.

A sabedoria é activada em nós quando deixamos de interpretar os fenómenos como separados, mas reconhecemos que tudo é inseparável. Uma criança que vê que a borboleta tem tudo a ver com a lagarta já desenvolveu alguma sabedoria ao seu nível.

É mais fácil ver as ligações entre todos estes fenómenos se partirmos do pressuposto espiritualista. Então apercebemo-nos que por detrás de tudo o que observamos existe vida ou consciência. Essa vida tem uma origem comum. Portanto, tudo está vivo e tudo está ligado numa gigantesca teia de vida em que nada está separado.

Nesta teia existem as chamadas ligações *horizontais*. São as ligações entre seres do mesmo nível, do mesmo plano de existência. Por exemplo, as relações entre as pessoas neste planeta Terra.

Existem também ligações *verticais*. São as ligações entre os diferentes reinos da natureza, como os humanos, os animais e as plantas, bem como os reinos dos seres mais avançados que os humanos, a que podemos chamar os reinos dos deuses.

Tudo está interligado. Existem também relações verticais dentro de cada ser individual. Por outras palavras, cada ser é uma hierarquia em si mesmo. Pensa no ser humano como uma corrente de consciência que contém consciências muito mais avançadas do que o ser humano pessoal. Por outras palavras, dentro de cada ser humano vive um deus, a nossa divindade interior. E com este Deus interior estamos intimamente ligados, mesmo que muitas vezes não nos apercebamos disso.

A tomada de consciência desta ligação inseparável entre todos os seres, desenvolvidos ou não, pode ser designada como o elemento do *religare*: a ligação com o seu núcleo interior, que é o núcleo interior de tudo o que vive. Se estiveres consciente da unidade de todos os seres e agires em conformidade, então és uma pessoa sábia.

Claro que há graus de sabedoria, graus de consciência da unicidade. Podemos crescer em sabedoria. Podem praticá-la. Como é que se faz isso?

Estuda as relações entre os seres. Abra o seu coração, seja intuitivo e tente ver como tudo funciona em conjunto. Estudar a Theosophia ajuda imenso porque na Theosophia as relações entre todos os seres aparecem tão claramente.

Então imaginem esta unidade. Imaginem uma sociedade, um mundo, em que existe a consciência de que estamos ligados numa grande teia de vida e que temos uma origem e um destino comuns. Isto não precisa de ser uma abstracção. Imaginem um mundo ideal: um mundo em que as pessoas vivem com esta consciência de unidade. Como é que elas pensam? Como é que vivem? Como é que é um mundo tão nobre que temos de nos pôr em bicos de pés para o alcançar?

Como alcançar o discernimento espiritual?

É frequente falar-se de meditação para obter uma visão espiritual. E a meditação pode, de facto, dar um tremendo impulso no seu desenvolvimento espiritual. Mas é preciso ver a meditação como um processo ativo em que se cria conscientemente a imagem mental da Unidade. Ver o outro como parte de si próprio. Sim, veja o outro como você mesmo. Identifica-te com o outro, com os teus amigos, com os teus inimigos, se os tiveres, e tenta perceber que és todos eles.

De manhã cedo, quando o sol nasce, é uma excelente altura para pensar nisto. Pode ler uma passagem de um livro inspirador e depois deixar que o significado se entranhe. Como é diferente começar os compromissos do dia quando se faz isto, em vez de ir para o trabalho apressado e irritado.



Se praticar isto, acabará por ser capaz de transportar essa imagem sublime consigo 24 horas por dia. Ela está sempre presente no fundo da sua consciência, mesmo quando cumpre as obrigações do dia. Todos os seus pensamentos e acções são coloridos por ela. Dá-te uma paz interior que irradiam para os que te rodeiam.

À noite, antes de se deitar, reveja os acontecimentos do dia anterior e, se em algum momento o stress da vida quotidiana o fez esquecer o ideal, decida fazer melhor da próxima vez. Perdoe os erros que lhe possam ter sido cometidos. Se fores honesto contigo mesmo, rapidamente crescerás em sabedoria.

Agora, algo paradoxal acontece à medida que cresces em sabedoria. Porque te apercebes cada vez mais que há muita coisa que não sabes e que há pessoas muito mais sábias do que tu. Por outras palavras, o facto de haver pessoas mais sábias do que tu torna-se cada vez mais uma realidade para ti. Esta percepção também pertence à religião, ao aspeto conectivo da tua consciência. Porque você está a ligar-se cada vez mais com o lado luminoso da natureza.

Agora só pode reconhecer a sabedoria nos outros se tiver desenvolvido pelo menos alguma sabedoria dentro de si. Está entrando em contacto com o seu professor interior. Está a experimentar cada vez mais a influência que flui do seu Deus interior. Como resultado, começa a reconhecer também os professores exteriores. Ao mesmo tempo, sente a obrigação de inspirar, ensinar e apoiar outros que sabem ainda menos do que você. És simultaneamente aluno e professor.

Isto cria uma cooperação maravilhosa entre todas as pessoas, independentemente da sua posição na sociedade.

Todos contribuem para o todo e o todo permite que todos contribuam.

Quando se parte da Unidade, sabe-se que todos pertencemos uns aos outros e que construímos juntos a nossa sociedade. Então apercebemo-nos que é possível a cada um dar o seu contributo específico. Cada um é essencialmente um ser divino e desenvolveu certas capacidades que podem ser usadas para o benefício do todo.

Por último, outro aspeto deste poder religioso unificador: como Erwin referiu na sua palestra, a religião nunca deve ser separada da ciência e da filosofia. Se o fizermos, ficamos paralisados no nosso pensamento. É a síntese da religião, da filosofia e da ciência que contém a verdadeira sabedoria.

Compaixão

Passemos agora à segunda característica principal da religião: a compaixão.

Entendemos a compaixão *como um estado de consciência em que experimentamos a unidade de toda a vida e pensamos e agimos em conformidade, seja o que for que isso signifique para nós*. Vê-se sempre como parte de um todo maior. Onde quer que estejas e o que quer que faças, reconheces a unidade e ages em conformidade. Não pode fazer nada a não ser agir de acordo com a imagem da conexão.

Associámos a compaixão ao elemento *relegere*: escolha. Entre o que é que tens de escolher? Exatamente entre a parte de ti que experimenta a unidade e a parte que não a experimenta. A primeira é o *impessoal*, ou melhor, o superpessoal dentro do ser humano. Chamamos-lhe o Eu Superior; a segunda parte é o elemento *pessoal* em nós. Este elemento pessoal é a máscara, o instrumento através do qual o ser humano real e superpessoal se manifesta. O pessoal não conhece o sentido da unidade e vive na ilusão de que estamos separados uns dos outros. *Relegere*, então, é a escolha para superpessoal.

Falámos acima de ligação vertical e horizontal. No entanto, numa inspeção mais atenta, elas são a mesma coisa. Quando se liga ao Eu Superior, está simultaneamente a ligar-se aos outros seres humanos. Afinal de contas, o Eu Superior vive na consciência da Unidade.

A mesma ideia encontra-se nos Evangelhos da Bíblia, onde Jesus diz que há dois mandamentos que, na realidade, são um só. Amar o seu Deus interior é o primeiro mandamento, que é *o mesmo* – está literalmente escrito na Bíblia – que amar o seu próximo. E isso faz sentido, porque quando amamos a Unidade da Vida, amamos tudo, porque tudo pertence à Unidade.



Compaixão prática

A religião do futuro não é um tratado teórico com dogmas, rituais, credos e orações. É uma realização que permeia todos os seus pensamentos e ações. É uma mentalidade que é muito prática e é praticada a cada momento do dia. Não apenas aos domingos, não apenas quando rezamos cinco vezes por dia. É uma consciência constante, um foco constante no superpessoal dentro de nós. Já dissemos que a compaixão é um estado de consciência. Pensem cuidadosamente sobre este estado.

Não é difícil sermos bons para a nossa família, para os nossos amigos, para os nossos compatriotas, para as pessoas de quem gostamos. Mas isso não é compaixão se, ao mesmo tempo, excluirmos os outros. Isso é estabelecer limites, porque estamos a distinguir entre pessoas, entre amigos e não amigos, enquanto a compaixão não conhece limites e é universal por definição.

Como pessoa compassiva, está sempre acima dos partidos. Não tem interesses sectoriais. Para si, não há divisão entre pessoas do campo e pessoas da cidade, entre russos e ucranianos. São todos seres humanos, todos em peregrinação, seguindo as suas saudades de casa em direção à Realidade última. Alguns perdem-se pelo caminho. Mas uma razão para cumprir a sua função de sinalização.

E não pensem que a compaixão significa apenas sermos simpáticos uns com os outros. É claro que respeitamos sempre as opiniões sinceras dos outros, mas se alguém está a ser injusto, uma pessoa compassiva toma uma posição contra isso. Não se posiciona contra a outra pessoa, mas contra a situação injusta.

Cada ser humano é um deus em formação, mas muito poucos ainda têm noção disso. E alguns de nós afastaram-se tanto da sua própria essência que são capazes de fazer as coisas mais terríveis aos outros. Uma pessoa compassiva, apesar da sabedoria limitada que possa ter, tentará sempre ensinar a outra pessoa a ver a vida de uma forma diferente, para que a desarmonia seja restaurada ou, pelo menos, para que as vítimas da crueldade e da brutalidade sejam protegidas.

Tenha isso em mente com os refugiados, por exemplo. Determine por si próprio, com a sabedoria que desenvolvera, assumindo e escolhendo a unidade, qual é a sua atitude mental em relação a eles. Seja calmo e compassivo, e não se deixe apanhar pelas ondas emocionais que este assunto criou em tantos países.

Determine também por si próprio qual deve ser a sua atitude mental em relação aos nossos “irmãos fracos”. E por “irmãos fracos” não me refiro àqueles que não conseguem defender-se, mas às pessoas que violam as leis do país e ignoram os sussurros da sua consciência. Alguns deles acabam na prisão. Outros não. Como é que ajudamos estes “deuses em formação”, pois são divindades demasiado latentes?

Pode já lhe ter acontecido ter sido vítima de uma infração. Por exemplo, pode ter-lhe sido roubado algo, ou alguém pode ter amolgado o seu carro e fugido. Não estamos dizendo que uma atitude compassiva significa que se deve deixar acontecer, mas sim que se deve continuar a assumir a unidade de que todos fazem parte. Tem sentimentos de vingança quando algo deste género lhe acontece? Deseja o infortúnio para a outra pessoa? Se assim for, pense novamente em *relegere*, em escolher entre o seu Eu Superior e o seu eu inferior.

Não se trata de exercícios teóricos. A própria vida é a escola de aprendizagem na qual se tornará claro se é verdadeiramente compassivo ou se não passa de uma intenção vã. É sempre uma questão de desenvolver uma atitude mental de compaixão. Esta é a coisa mais importante. Mesmo que a sua sabedoria seja limitada, se praticar sinceramente a compaixão, aprenderá rapidamente a moldar melhor a unidade em cooperação com os outros.

Paz

O que acontece conosco e com o nosso ambiente quando começamos a praticar a religião descrita nesta e nas palestras anteriores? Dentro de nós, o foco mudará do mundo exterior para o mundo interior. Escolher o Eu Superior torna-se natural, e a Unidade por detrás dos fenómenos



será cada vez mais vivida como realidade. Isto irá trazer-nos uma enorme paz interior.

Quando se tem a certeza de que se é uma parte indestrutível de um grande todo, todos os tipos de medos, frustrações e preocupações desaparecem naturalmente. Sabe que nunca lhe poderá acontecer nada de *verdadeiramente* grave. É claro que certos incómodos e dificuldades não desaparecerão de um dia para o outro, mas interpretá-los-á de uma forma completamente diferente. Sabe que o estado em que se encontra tem uma causa que foi (em parte) criada por si. Isto dá-lhe a convicção de que tem os meios para lidar com qualquer desafio e levá-lo a uma boa solução.

Não se culpe os outros, uma atitude que pode muitas vezes levar à frustração e até à depressão. Agimos com tranquilidade de acordo com o que sabemos no nosso íntimo.

Esta atitude mental tem, sem dúvida, um efeito sobre os seus semelhantes. Talvez já tenha experimentado que, numa situação dolorosa ou precária, havia alguém que permanecia calmo e acalmava os outros. Mesmo que alguém seja tratado de forma agressiva, talvez mesmo ameaçado fisicamente, e no entanto se mantenha calmo, isso pode ter um efeito calmante sobre o agressor. O agressor pode até mudar imediatamente de atitude, mudar de atitude e pedir desculpa pela sua agressão.

Quando purificamos o nosso pensamento, isso afecta o nosso comportamento, porque há um pensamento por detrás de cada ação. Pensa com bondade nos outros e tratá-los-ão com bondade. A gentileza leva-o a defender corajosamente os outros. Seja frugal consigo, para poderem ser generosos.



Não se coloque acima dos outros nos seus pensamentos, e a sua conduta humilde e adequada será notada e as pessoas considerá-lo-ão um verdadeiro líder.

Esta influência do homem verdadeiramente religioso pode ir longe. Todo o homem é um pensador. Todos os nossos pensamentos criam uma esfera mental. Será que estamos sempre conscientes disso? Será que nos apercebemos de que um pensamento egoísta pode afetar negativamente a esfera mental e tornar as pessoas agressivas? Por outro lado, os verdadeiros pensamentos religiosos podem enobrecer a esfera mental e inspirar as pessoas a serem compassivas.

A religião do futuro fará com que a esfera mental seja purificada de todo egoísmo e hostilidade. A esfera mental reflectirá cada vez mais a ideia de unidade pela qual todos somos inspirados. Isto criará uma harmonia dinâmica. A religião de amanhã não conduzirá a um impasse. Pelo contrário. Sempre houve e sempre haverá mudança. Num tal estado de harmonia dinâmica, as pessoas chegarão cada vez mais à perfeição, sabendo que nunca haverá um ponto final no crescimento da consciência.

Época de sementeira

Começámos esta palestra com a ideia de que o futuro vem de trás. As sementes que lançamos hoje darão frutos amanhã. Pois bem, chegou o momento da sementeira.

No *zeitgeist* atual, uma personalidade é colocada contra outra; um país ou um bloco de países é colocado contra outro. Mas esta mentalidade egoísta não tem futuro, é de facto uma estação do passado. A ideia de interligação e unidade tem futuro e quanto mais conseguirmos difundir

esta ideia, mais rapidamente este futuro se tornará realidade.

Os desafios que a humanidade enfrenta são grandes. Só os podemos enfrentar juntos. Mas se quisermos, podemos!

O futuro começa AGORA. Neste momento, os nossos pensamentos e acções podem ser guiados pela sabedoria e compaixão, os ingredientes da verdadeira religião. A escolha é nossa. Podemos ser precursores dessa força inspiradora e motriz que impulsiona tudo e nos faz perceber que estamos todos enraizados na mesma vida e, portanto, somos irmãos uns dos outros, com um destino comum.

A alma de um ideal



“Pintura para o templo” de Hilma af Klint.

Pensamentos-chave

- » Um ideal é uma imagem perfeita, universal, que só pode ser actualizada no futuro.
- » Um ideal, tal como um ser humano, é composto por um espírito, uma alma e uma parte manifestada.
- » A decadência de um ideal ocorre quando a sua alma morre. O pensamento sem alma pode encorajar o oposto do que o ideal original pretendia.
- » Como tudo é cíclico, os ideais, assim como a sua decadência, também se repetem ciclicamente.
- » As pessoas que se tornam receptivas às ideias e ideais universais podem alinhar-se com eles.
- » Um ideal nunca pode ser atualizado com acções e/ou pensamentos que violem o ideal. A paz e a harmonia, por exemplo, nunca podem ser alcançadas através da violência.

Não podemos viver sem ideais. Se os nossos ideais forem impessoais, tendo como objetivo o bem-estar de toda a humanidade, serão guias de viagem para um mundo melhor. Mas se não mantivermos os nossos ideais e se eles degenerarem em dogmas, serão de facto um obstáculo a um futuro melhor. É o que acontece, por exemplo, com o ideal da democracia, da inclusão ou da nossa relação com os refugiados.

O estudo da história pode, por vezes, ser deprimente. É frequente vermos que um certo impulso espiritual ou social, nascido de um grande ideal, enfraquece e desaparece com o passar dos anos. Isto é alimento para os cínicos, para aqueles que afirmam que as coisas nunca irão correr bem para a humanidade.

Não há nada de errado com os próprios ideais que iniciam tais impulsos. Por que razão, então, se diluem, desaparecem ou degeneram exatamente no oposto do que pretendiam inicialmente?

Vamos tentar responder a esta questão. Para o fazer, comecemos por analisar o que é, de facto, um ideal.

Inspiração

De uma perspetiva teosófica, um ideal é fundamentalmente mais do que a imaginação humana pode compreender ou produzir. Os ideais surgem através de um processo de inspiração.

Inspiração deriva do latim *in-spirare*, “inspirar”. Isto aponta para uma fonte elevada acima da consciência humana comum, a partir da qual um tal

ideal é “soprado” para dentro de nós. Uma pessoa só pode ser inspirada por ele se viver a partir da mesma característica da fonte de inspiração.

Os ideais são inspirações de reinos cósmicos superiores. São protótipos que nos chegam da mente Cósmica, as consciências superiores da hierarquia a que pertencemos. No entanto, só os podemos receber e trabalhar com eles se a inspiração ressoar dentro de nós. Por outras palavras, temos de ter desenvolvido as qualidades certas.

A inspiração não é uma força coerciva. Ela não impede o nosso livre arbítrio. Ideias e ideais elevados dos reinos cósmicos podem, por outras palavras, ser “soprados” para dentro de nós apenas se nos sintonizarmos com eles. Assim, o grau da nossa sintonização determina o grau do “sopro”. É da nossa responsabilidade fazer isso. Por uma questão de clareza, acrescentamos aqui que estes ideais são bastante diferentes da capacidade de criar imagens mentais de experiências sensoriais às quais atribuímos uma certa realidade. Os gregos antigos chamavam-lhes *phantasmata*.

Qual é a fonte de inspiração?

O ser humano pode inspirar-se na sua própria natureza superior, na raiz da sua existência. Estamos a referir-nos ao nosso verdadeiro EU, à nossa divindade interior e essencial. Dela brotam fluxos que podem ser recebidos pelo homem pessoal, pelo menos se ele se voltar para dentro e se sintonizar com a sua fonte interior de inspiração. Quando o fazemos, recebemos concepções ideais que, como meros seres humanos, na maior parte das vezes só percebemos vagamente.

Outros seres espirituais também nos podem inspirar. Podem ser humanos mais avançados, como os Mestres da Sabedoria e da Compaixão. Eles podem apresentar-nos ideias ou ideais que, desde que estejamos devidamente sintonizados, podemos “respirar”. Talvez os Mestres tenham de sintonizar um pouco as suas ideias conosco para que as possamos compreender. Nós próprios também teremos de nos afinar um pouco para compreender e processar as ideias.

O ideal

Um ideal é uma imagem perfeita e universal, cuja realização só pode ter lugar no futuro. Pode ser um futuro distante ou próximo, dependendo do nosso esforço para o realizar. Toda a gente tem desejos, mas um ideal não é um desejo ou uma vontade. É uma visão do futuro baseada numa inspiração de um reino Cósmico superior.

Muitos têm, de facto, uma imagem de um futuro melhor, distante ou próximo. Portanto, toda a gente tem um “ideal” pessoal. Mas os ideais, tal como os consideramos, são, por definição, *impessoais*. A imagem de uma casa nova e bonita, de um emprego bem remunerado ou de um parceiro bonito não são ideais, mas sim desejos.

Um ideal impessoal envolve a expectativa de um futuro mais feliz e perfeito para *toda a humanidade* ou para *todos* os seres vivos. Quanto mais universal for o ideal, mais elevado será o futuro quando a imagem se tornar uma realidade no mundo exterior.

A imagem ideal em si pode ser muito brilhante, mas por enquanto existe apenas no mundo das ideias. A expectativa, no entanto, é que um dia seja concretizada.

Os pensamentos são seres vivos

Ora, a Theosophia ensina que os pensamentos são seres vivos. Como os outros seres, nascem, crescem pela atenção com que os alimentamos, e um dia morrerão se os esquecermos e assim deixarmos de os alimentar. Além disso, podem espalhar-se e têm um carácter próprio. Reconhecer

que os pensamentos têm um carácter próprio pode ser difícil, e árduo de discernir, porque o carácter do pensamento e o carácter humano que pensa o pensamento correspondem um ao outro.

Pensamentos são seres muito primitivos. Por isso, são chamados seres elementais, porque estão no início (relativo) da sua evolução. Poder-se-ia compará-los aos átomos, que seguem os padrões da natureza quase a torto e a direito. Tal como o ferro e os metais que contêm ferro são automaticamente atraídos por um ímã, nós atraímos pensamentos, que têm características correspondentes com a visão do ideal que construímos. Assim, os seres-pensamento seguem os impulsos da consciência humana. Por isso, a orientação da nossa consciência também determina a qualidade dos pensamentos que temos.

Vejamos, portanto, muito brevemente, quais os aspectos que pertencem ao ser humano.

Espírito, alma e corpo de um ideal

O espírito de um ideal é, para nós, a ideia universal, sem forma e abstrata. Não uma ideia como a usamos na linguagem comum, mas *A Ideia*, como Platão usa essa palavra. É como um arquétipo, uma força inspiradora primordial, o combustível que alimenta todos os ideais. É o núcleo, a parte permanente de um ideal.

A alma de um ideal é o arquétipo traduzido no pensamento humano. É uma imagem pensada de um mundo futuro, no qual cada um trabalha para cada um e reina a harmonia. É uma imagem na qual a harmonia cósmica dinâmica é moldada em conceitos e palavras compreensíveis para os seres humanos.

Os ideais, tal como os seres humanos, também estão sujeitos à ciclicidade. Um ser humano encarna durante um curto período de tempo e depois entra no período de repouso da morte. E se tiver aprendido alguma coisa durante a sua vida, reencarnará um pouco mais sábio. Assim, um ideal vive e morre e volta, se tudo correr bem, um pouco melhorado e elevado.

Finalmente, há o corpo ou veículo de um ideal: o plano elaborado de como organizar a sociedade. Esse corpo está quase sempre mudando e pode sempre ser melhorado. Ilustremos isto com um exemplo. O espírito de um ideal pode estar relacionado com a divindade inerente e com a dignidade intrínseca de cada ser humano. Essa alma é então, por exemplo, a articulação de todos os direitos e deveres de cada ser humano. O veículo pode ter a ver com uma associação que defenda os direitos humanos da forma mais prática possível, em qualquer parte do mundo.

Aristocracia: as regras mais sábias

Daremos um outro exemplo, que diz respeito a uma sociedade humana ideal. O espírito desse ideal é a unidade essencial subjacente a todas as expressões da vida e os laços inseparáveis entre todos os seres. Este grande ideal deve refletir-se na forma do Estado.

No topo estão os homens e mulheres mais sábios. Têm a maior amplitude de consciência. Compreendem os laços inseparáveis entre todas as pessoas do país e as de outros países e, por conseguinte, podem tomar as decisões mais sensatas, que beneficiam o bem-estar de todos. Não têm em mente o interesse próprio. Não estão preocupados com ganhos financeiros ou outros privilégios. A sua tarefa é fazer com que toda a sociedade funcione da forma mais harmoniosa possível.

Numa sociedade assim, cada um cumpre a sua tarefa de acordo com as qualidades que possui. Cada um pode crescer na sua tarefa. Nenhum trabalho é mais valorizado do que outro. Cada um pode dar o seu contributo para o todo.

Há uma troca constante de ideias: de “cima” para “baixo”, mas igualmente de “baixo” para “cima”. Afinal de contas, os dirigentes do país só podem tomar decisões sensatas se souberem o que se passa entre as pessoas.

Numa tal aristocracia – a forma de Estado em que o mais sábio está no comando – o foco não será tanto a prosperidade material; será principalmente o bem-estar e o crescimento mental e espiritual.

Democracia

É claro que reconhecer a sabedoria nos outros – e assim aceitar a liderança de pessoas mais sábias – nem sempre é fácil para o indivíduo. É preciso ter desenvolvido pelo menos alguma sabedoria para poder reconhecê-la nos outros. Afinal de contas, a sabedoria não é determinada pela maioria dos votos. Portanto, a democracia é um derivado degenerado do ideal espiritual. Afinal, agora a liderança não está nas mãos dos mais sábios, mas de todo o povo.

Numa democracia, se o povo tiver desenvolvido alguma sabedoria, os cidadãos escolherão os melhores líderes, mas se as pessoas forem movidas pelo interesse próprio, colocarão ao leme do navio do Estado aqueles que acreditam representar melhor os seus interesses.

A democracia como etapa intermédia

Mas também se pode conceber a democracia como uma etapa intermédia, como um ideal que deve assegurar que as pessoas mais sábias dominem o cetro e prossigam políticas

que promovam o bem-estar geral. Uma tal forma de Estado é, pelo menos, melhor do que quando o poder está nas mãos de um monarca absoluto ou de um presidente egoísta, ou de um pequeno grupo de pessoas que se colocam acima das massas.

Em Atenas, séculos antes da nossa era, existia uma forma de democracia. O ideal morreu e esteve praticamente ausente durante muitos séculos. No século XIX, renasceu como um movimento de massas. É certo que não era exatamente o mesmo ideal que o da antiga Atenas, mas já agora havia a imagem de residentes de um país que partilhavam a responsabilidade conjunta pelas políticas do Estado. Embora no início o ideal não fosse tão universal – as mulheres, por exemplo, estavam excluídas – com o passar dos anos foi crescendo e tornou-se mais universal.

A verdadeira imagem universal de uma sociedade ideal – o espírito do ideal – é a unidade essencial que subjaz a todas as expressões da vida. Este é o aspeto duradouro. A sociedade deve refletir essa unidade essencial. As pessoas com um ideal democrático estimam muito este ideal universal. A alma do seu ideal é, portanto, a *igualdade* com o reconhecimento de que as pessoas se desenvolveram de forma diferente. Esta é a pedra angular da sociedade. A política de um país visa o bem-estar de todos os cidadãos. Seja qual for a fase de desenvolvimento em que nos encontramos, somos parcialmente responsáveis por ela.

Assim, nesta conceção mais universal da democracia, não se trata tanto de eleger pessoas para serem responsáveis pelas suas políticas, mas sim de uma responsabilidade partilhada pelos altos e baixos do país. Num tal sistema, todas as pessoas são importantes. Todos têm direito às suas próprias ideias, mesmo que sejam diferentes das da maioria. Essas ideias podem ser proclamadas, a menos que afectem os direitos dos outros.

A alma do ideal é depois moldada num plano prático, o veículo do ideal. Isto pode incluir, *por exemplo*, a redação de uma constituição, que formula os direitos fundamentais que se aplicam a todos. Uma vez que nem toda a população pode tomar conta de um país, é concebido um sistema para que isso possa acontecer. Por exemplo, surge a ideia de um parlamento no qual os cidadãos elegem representantes e no qual eles próprios podem ser eleitos. Ou talvez seja preferível um sistema em que o povo elege o presidente, ou ambos.

A tradução do ideal num veículo prático pode variar de país para país, consoante a cultura, os costumes e o passado de cada um. Mas se a alma o penetra, isso é de facto secundário.

O ir e vir dos ideais

Um ideal impessoal não precisa de se desvanecer no fundo do pensamento ou de se diluir. Podemos fazer dele uma força viva e permanente. Nem as pessoas que formam uma civilização estão condenadas a deixar a sociedade degenerar. Mas as pessoas morrem. A civilização que formaram morre com elas. E se as gerações seguintes se concentrarem mais na forma do que na alma do ideal, a sociedade refletirá esse declínio. Eventualmente, todo o ideal pode ser completamente esquecido.

No entanto, a morte é uma ausência temporária do homem, embora, da nossa perspectiva humana, dure muito tempo. Durante o período de descanso da morte, o homem está num estado de felicidade nos reinos mais espirituais. Trata-se de uma compensação pelo sofrimento na Terra, resultante do facto de o ideal espiritual não ter podido ser plenamente realizado. Durante esse período de descanso, as aspirações espirituais são tecidas na consciência humana. Por isso, quando o homem regressa na próxima vida, volta a “levar” consigo o seu ideal. As velhas ideias espirituais renascem. A sociedade degenerada floresce novamente em bem-estar espiritual.

Este padrão é frequente. Os períodos de florescimento espiritual alternam-se com os de pobreza espiritual.

Decadência

Esta pobreza espiritual tem a sua origem no facto de se dar cada vez mais ênfase ao veículo, ao lado físico, do ideal. O verdadeiro fundo perde-se. As pessoas esquecem-se de que o ideal tem uma alma. O sistema torna-se formalista. A letra da lei torna-se mais importante do que o espírito. Já não se trata tanto da igualdade de todas as pessoas, mas das vantagens ou do poder de cada um. Um grupo pode impor uma determinada opinião aos outros. As pessoas deixam de se ouvir umas às outras. O interesse geral cede o lugar aos interesses sectários.

Surge a propaganda desleal. O povo é influenciado, a verdade é escondida ou distorcida, os outros partidos são difamados, com o único objetivo de obter a maioria no parlamento e fazer passar a sua própria visão.

Se o partido derrotado não conseguir concretizar as suas ideias – ou apenas parte delas – surgem frustrações, desconfiança ou indiferença. Em muitas democracias, há um grande número de pessoas que nem sequer se dão ao trabalho de votar.

Embora exteriormente um país possa ser democrático, a alma do ideal – a responsabilidade partilhada pelos altos e baixos de um povo – perdeu-se.

Exclusão

O veículo de um ideal pode exprimir bem a alma numa linguagem. Um país tem uma Constituição e leis sociais, que exprimem o melhor possível a alma do ideal. Por exemplo, a primeira frase do primeiro artigo da Constituição holandesa é um exemplo brilhante:

Nos Países Baixos, todas as pessoas devem ser tratadas de forma igual em circunstâncias iguais.

No entanto, quando as pessoas concentram o seu pensamento no veículo “exterior” do ideal das coisas, a essência dessas leis, por mais maravilhosas que sejam, desaparece. Quando isso acontece, tem repercussões em toda a sociedade, independentemente da Constituição.

Depois, pode acontecer que até as autoridades ignorem as suas próprias leis. Em muitas democracias, ministros e deputados foram apanhados em situações de compadrio e corrupção. E embora a Constituição exija que todos sejam tratados de forma igual, em algumas democracias existe mesmo racismo institucional.

O governo não está sozinho. Representa a mentalidade geral de um povo. Se existe uma tendência geral num país para discriminar os outros ou mesmo para “procurar os limites da lei” e, por vezes, até ultrapassá-la, isso reflecte-se nos governantes.

A alma do ideal democrático significa que todos estão incluídos, que todos podem dar o seu contributo específico, física e mentalmente. É da responsabilidade de cada um contribuir para o bem-estar do conjunto, na medida das suas capacidades e das suas convicções mais profundas. Ninguém deve ser excluído, mesmo que a visão do outro seja diferente da sua. Embora a lei – o veículo – exprima este ideal, tem pouco ou nenhum efeito se a sua alma não viver entre as pessoas.

Cultura do cancelamento

Podemos até solapar o nosso ideal – *tirar a alma dele* – ao ponto de excluir os outros da participação na vida social. Desde o final da década de 2000, em parte devido à ascensão das redes sociais, a *cultura do cancelamento* tornou-se um fenómeno poderoso em todo o mundo. A cultura do cancelamento é definida como boicote, afastamento ou ostracismo de alguém que se acredita não ter correspondido ao ideal considerado correto por um grupo de pessoas. Curiosamente, isto é feito maioritariamente por pessoas que prezam o *ideal da inclusão*. Com isto querem dizer que toda a gente deve poder participar na sociedade. Mesmo

que se desvie do padrão geral, está incluído. Assim, o paradoxo é que as pessoas que lutam pela inclusão excluem as pessoas cujos pontos de vista diferem dos seus. Esta exclusão pode mesmo ocorrer com base na utilização da língua. Certas palavras e expressões são declaradas tabu. Aqueles que não aderem a essas palavras e expressões são *excluídos*.

Isto leva a situações que seriam de rir se não fossem também tão tristes. A autora dos livros de Harry Potter, J.K. Rowling, foi retirada de um grupo de chat sobre Harry Potter. Os membros do grupo consideraram que ela, como recém-chegada, não sabia nada sobre Harry Potter. Ela tinha entrado no fórum anonimamente, mas teve de abandonar a sala de chat porque os membros se ofenderam com a sua opinião. Também foi cancelada por muitos e até os seus livros foram queimados porque ela tinha uma visão diferente, mas matizada, das mulheres trans.⁽¹⁾

Refugiados

Um exemplo ainda mais pungente é a atitude em relação aos refugiados. Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma vergonha colectiva no mundo ocidental pela recusa dos refugiados. Ainda estava fresca na mente a memória dos judeus que fugiam da Alemanha, que não eram bem-vindos nas democracias ocidentais da Europa e da América do Norte e eram enviados de um país para outro. Alguns deles acabaram por regressar à Alemanha e terminaram as suas vidas nas câmaras de gás nazis. Pensava-se que tal coisa não deveria voltar a acontecer. Nasceu o ideal de países hospitaleiros que aceitam refugiados sem restrições. O espírito deste ideal também é a *Ideia* de unidade essencial: todos os homens provêm da mesma fonte. Devem, por isso, comportar-se com bondade e espírito de fraternidade uns para com os outros. A alma do ideal é que todo o ser humano que foge do seu país encontra um acolhimento hospitaleiro noutra país.

O veículo do ideal tornou-se uma convenção sobre refugiados. Em 1951, foi redigido um acordo em Genebra pelas Nações Unidas. Inicialmente, o tratado abrangia apenas os refugiados de guerra europeus, mas um protocolo adicional eliminou todas as restrições geográficas e conferiu-lhe validade universal. Os países democráticos ratificaram o tratado.⁽²⁾

Decadência da convenção sobre os refugiados

No entanto, quando a alma do ideal desaparece, o veículo perde o seu valor. O espírito vivificante desaparece. A realidade atual na União Europeia e noutros países democráticos

é que muitos dos deveres a que cada país se comprometeu quando assinou a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados não estão a ser cumpridos.

A pedra angular da Convenção de 1951 é o princípio do “non-refoulement” (não repulsão). Este princípio do direito internacional proíbe que um país devolva requerentes de asilo ou refugiados a um país onde temam ser perseguidos devido à sua raça, religião ou opinião política, ou por pertencerem a um determinado grupo social ou nacionalidade.

É claro que a convenção prevê a possibilidade de recusar as pessoas, por exemplo, se estas tiverem cometido um crime contra a paz, um crime de guerra ou um crime contra a humanidade. Além disso, haverá também pessoas que não têm o estatuto de refugiado mas que, mesmo assim, pedem asilo.

No entanto, muitos organismos independentes constataram que muitos países não estão a cumprir estas obrigações. O ideal de acolher pessoas está se diluído.⁽³⁾

Ciclicidade

Escrevemos acima que os pensamentos, como todos os seres vivos, estão sujeitos à ciclicidade. Ora, os pensamentos só se podem manifestar em conjunto com os seres humanos. Por conseguinte, certos tipos de pensamentos – e ideais – têm a mesma ciclicidade que as pessoas que os pensam. Quando as pessoas reencarnam, levam consigo os seus antigos pensamentos.

Já referimos que a democracia morreu na antiga Atenas e renasceu no século XX. Mas também a tendência para corromper e abusar do ideal democrático já existia em Atenas e está de novo encarnada nos populistas actuais. O romancista holandês Ilja Leonard Pfeijffer mostra no seu romance *Alkibiades* que até a linguagem dos populistas dessa época é a mesma que a dos actuais.

Há semelhanças mais marcantes. Na antiga Atenas, e mais tarde em Roma, existia também uma espécie de cultura do cancelamento: o banimento da cidade. As pessoas que contrariavam a opinião geral ou desagradavam aos detentores do poder eram expulsas da cidade. Em Atenas, este banimento era mesmo formalizado. Na assembleia pública, os líderes políticos eram banidos durante dez anos, num processo de votação. É o chamado ostracismo (literalmente “tribunal de cacos”). Qualquer cidadão podia escrever num caco o nome de um político que desaprovasse. Os fragmentos eram recolhidos e aquele cujo nome fosse mais escrito era exilado. É muito semelhante aos *gostos* e *desgostos* nas redes sociais. Se tiver demasiados “desgostos”,



Perto do Indo, há milhares de anos, surgiu uma civilização sublime, conhecida como a “Civilização do Vale do Indo” ou “Civilização de Harappa”. Aqueles que construíram esta civilização já terão reencarnado uma ou mais vezes, levando consigo os seus ideais altruístas e a sabedoria acumulada.

pode não ser expulso do país, mas é social e moralmente morto.

Outro exemplo de como o ideal pode ser diluído é o seguinte. No Reino Romano, todos os cidadãos tinham os mesmos direitos e deveres, independentemente do local onde viviam e da sua origem (os escravos não contavam). Na atual União Europeia, o mesmo acontece. Os portugueses podem trabalhar na Suécia, os polacos em França, e assim por diante. Uma situação maravilhosa que garante a igualdade para todos.

Mas com os romanos, essa igualdade não se aplicava aos que viviam fora do Império, porque, tal como nós agora, tinham medo dos estrangeiros. Ora, o Império Romano existiu durante muitos séculos. Também houve alturas em que teve de se defender contra grupos armados saqueadores que ameaçavam o Império. Mas mesmo em tempos mais calmos, fechou as suas fronteiras aos “bárbaros”. Por exemplo, o imperador Adriano mandou construir uma grande muralha em Inglaterra para que os estrangeiros não pudessem entrar no reino. A muralha ainda hoje se mantém de pé. Embora a vedação de arame farpado que a Hungria ergueu na sua fronteira com a Sérvia não seja feita de pedra, a ideia subjacente é, evidentemente, a mesma. Além disso, Adriano, e mais tarde outros, fizeram acordos com países que faziam fronteira com o Império para impedir a entrada de bárbaros. Não faz agora a UE acordos com

países como a Tunísia e a Turquia para amortecer o afluxo de estrangeiros, sem qualquer respeito pelos direitos humanos?

Os horrores do ideal degenerado

A decadência dos ideais pode, em última análise, levar à prossecução de políticas exatamente opostas ao ideal original. Isto explica porque é que todas as revoluções comem os seus próprios filhos.

Especialmente quando um ideal religioso degenerou em mera forma, podem ocorrer os mais terríveis crimes contra a humanidade. Num artigo anterior, referimos a história de Dostoiévski, *O Grande Inquisidor*, em que a Inquisição espanhola chegou a querer queimar Jesus na fogueira.⁽⁴⁾ A forma *desencarnada* de um ideal – e, neste caso, a Igreja de Roma – torna-se tão importante que tem de ser imposta pela força, custe o que custar. O fim justifica os meios. Infelizmente, esta história não é mera ficção. Os horrores do Estado Islâmico ainda estão bem presentes nas nossas mentes. O ideal degenerado tornou-se um pesadelo.

Estas atrocidades do Estado Islâmico não são únicas na história da humanidade. O triunfo do cristianismo nos séculos IV e V apresenta fortes semelhanças com o que, por exemplo, os talibãs fizeram e estão a fazer no Afeganistão.⁽⁵⁾ Embora o Salvador do cristianismo pregasse o amor e a tolerância, os cristãos, tendo conquistado o poder no Império

Romano, agiram exatamente ao contrário. Destruíram milhares de estátuas e templos “pagãos”, queimaram livros, torturaram e mataram pessoas que não se convertiam ou que continuavam a professar as antigas religiões ou filosofias. Parece que muitos deles estão agora reencarnados no Afeganistão, onde o atual ideal desalmado do Islão causa o mesmo tipo de sofrimento insuportável entre a população, embora o ideal do Islão seja também a tolerância e o amor. O Alcorão afirma enfaticamente que não há compulsão na religião.⁽⁶⁾

Nunca é demais sublinhar a importância de manter viva a alma do ideal. Quando a forma se separa da alma, o mal aumenta. O ideal já não é vivido, torna-se um objectivo exterior, que justifica todos os meios. Quer-se mudar os *outros* impondo-lhes algo: através de leis, regras ou violência. Se não voltarmos a ligar o ideal ao espírito vivificante, ele regressará uma e outra vez, sob uma forma altamente degenerada, sob uma capa diferente, e derramará a miséria sobre a humanidade.

Regresso das ideias universais

Felizmente, não são apenas os pensamentos que corroem o ideal superpessoal que regressam. Os ideais universais também estão sujeitos à ciclicidade. Neste contexto, é bom ler com atenção a seguinte citação de H.P. Blavatsky:

O Ocultismo ensina-nos que as ideias baseadas em verdades fundamentais se movem na eternidade em círculo, girando e preenchendo o espaço dentro do circuito dos limites atribuídos ao nosso globo e ao sistema planetário ou solar; que, não diferentemente das essências eternas e imutáveis de Platão, elas permeiam o mundo sensível, permeando o mundo do pensamento; e que, ao contrário das afinidades químicas, são atraídos e assimilados por universais homogêneos em certos cérebros exclusivamente produto da mente humana, dos seus pensamentos e intuições; que no seu fluxo perpétuo têm os seus períodos de intensidade e atividade, como as suas durações de inatividade mórbida. Durante o primeiro, e sempre que um forte impulso é dado em algum ponto do globo a uma dessas verdades fundamentais, e uma comunhão entre essências eternas afins é fortemente estabelecida entre o mundo interior de reflexão de um filósofo e o plano exterior das ideias, então, cérebros cognatos são afetados em vários pontos, e ideias idênticas serão geradas e a expressão dada a elas frequentemente em termos quase idênticos.⁽⁷⁾

Nesta citação, a Sra. Blavatsky fala de ideias baseadas em verdades fundamentais. São essas verdades que sempre formam o fundo espiritual do ideal impessoal, que é, afinal de contas, uma consequência das leis cósmicas. O espírito do ideal permanece sempre, mas a alma periodicamente se retira e depois reaparece. Dissemos acima que isto está relacionado com o facto de as pessoas e as civilizações morrerem e voltarem a nascer. Por conseguinte, o ideal não desapareceu no sentido absoluto; está sempre a regressar. As pessoas sempre desejarão a verdade e a justiça novamente. H.P. Blavatsky fala aqui de um impulso dado a estas ideias universais. Assim, há seres que, quando chega o momento, são uma inspiração para nós. Eles dão outro impulso espiritual, um novo alimento para a alma dos ideais impessoais. Ora, o facto de dar esse impulso não faz muito sentido se não houver pessoas que se tenham tornado receptivas a recebê-lo. A citação acima fala de “cérebros” que podem assimilar os universais – as verdades fundamentais. Portanto, deve haver pessoas que vivem – ou pelo menos tentam viver – na parte impessoal da sua consciência. O seu pensamento absorverá esses universais. Elas podem transformar a alma do ideal na sociedade em que estão inseridas.

Tornar os ideais novamente vivos

São estes grandes seres humanos que normalmente não interferem com o corpo de um ideal. É claro que um ideal também deve ser colocado numa forma física. Tem de haver associações, estatutos, regulamentos e objectivos, que são as directrizes para manifestar o ideal. Desde que essa forma exterior seja alimentada pela alma, pode ser uma ferramenta útil.

No entanto, se a alma do ideal vivesse em todos, não seria necessário estabelecer um ideal em regulamentos e leis. De facto, a necessidade de o fazer é já o início da decadência, porque deixa de ser natural. É neste contexto que surge o paradoxo do sábio chinês Lao-tse: “Quanto mais leis são afixadas, mais ladrões e assaltantes existem.”⁽⁸⁾

Um país nunca pode mudar através da legislação. A verdadeira mudança na sociedade vem da reforma da mente humana. Reformas externas sem uma mudança de mentalidade não têm sentido. Blavatsky compara isso a um jardineiro que tenta livrar seu canteiro de plantas venenosas cortando-as logo acima do solo, em vez de arrancá-las pela raiz.⁽⁹⁾

Os teosofistas estão abertos a estas ideias cíclicas e universais. Estes não são necessariamente homens e mulheres que são membros de uma organização teosófica, mas aqueles que *vivem* a Sabedoria Divina. A sua tarefa é no plano mental. Eles têm que manter vivas as almas das

Utopias, torná-las poderosas, para que uma influência benéfica possa emanar delas sobre a sociedade, e para que os ideais retorcidos, meio mortos ou completamente mortos, possam ressurgir da sua morte ou estado letárgico.⁽¹⁰⁾ Esta é uma tarefa gigantesca, mas não impraticável.

Tornar os corações e as mentes receptivos à bondade humana

Quando as imagens universais da Unidade e da verdadeira Fraternidade, da Consciência como a força motriz por detrás do mundo dos fenómenos, estiverem mais fortemente presentes na esfera mental, elas exercerão a sua influência em todas as áreas da atividade humana. A democracia será novamente empurrada para a ideia de que cada cidadão é responsável pelo bem-estar de toda a população. A questão dos refugiados seria despojada da emoção egoísta que lhe está atualmente associada e seriam procuradas soluções sustentáveis. O fosso entre ricos e pobres não será resolvido através de várias medidas de emergência, como subsídios, mas através da distribuição equitativa da riqueza.

Todas as pessoas activas em qualquer sub-área da vida social serão alimentadas e inspiradas pelo ideal universal abrangente – a alma do ideal.

Esta imagem é apresentada da maneira bem conhecida e concisa por H.P. Blavatsky na sua segunda carta à Secção Americana da Sociedade Teosófica, na qual ela diz sobre os teosofistas:

Os teosofistas são necessariamente amigos de todos os movimentos do mundo, sejam eles intelectuais ou

simplesmente práticos, para a melhoria das condições da humanidade. Somos amigos de todos aqueles que lutam contra a embriaguez, contra a crueldade para com os animais, contra a injustiça para com as mulheres, contra a corrupção na sociedade ou no governo, embora não nos metamos em política. Somos amigos daqueles que exercem a caridade prática, que procuram aliviar um pouco o tremendo peso da miséria que está esmagando os pobres. Mas, na nossa qualidade de teosofistas, não podemos nos engajar em nenhuma destas grandes obras em particular. Como indivíduos, podemos fazê-lo, mas como teosofistas temos um trabalho maior, mais importante e muito mais difícil a fazer. (...) A função dos teosofistas é abrir os corações e as compreensões dos homens para a caridade, a justiça e a generosidade, atributos que pertencem especificamente ao reino humano e são naturais ao homem quando ele desenvolveu as qualidades de um ser humano. A Teosofia ensina o homem-animal a ser um homem-humano; e quando as pessoas aprenderem a pensar e a sentir como seres verdadeiramente humanos devem sentir e pensar, elas agirão humanamente, e obras de caridade, justiça e generosidade serão feitas espontaneamente por todos.⁽¹¹⁾

Lutar ou viver agora

Cada idealista pode retirar do que precede algumas conclusões muito importantes relativamente ao seu próprio ideal. Em primeiro lugar, refletir profundamente sobre a sociedade ideal e não apenas sobre um aspeto da mesma.



As favelas lutam contra o coronavírus.

Imagine uma sociedade em que cada um contribui com os seus talentos, sim, contribui-se a si próprio, enquanto a sociedade o permite. Se todos fizerem isto, nunca haverá conflitos. Se um ideal é verdadeiramente impessoal, nunca pode entrar em conflito com outro ideal impessoal. É claro que pode haver diferenças de visão quanto à forma de realizar o ideal. Existe a liberdade de consciência. Alguns são mais sábios e vêem mais do que outros. Mas isso não precisa de levar a conflitos.

Em seguida: nunca se deixar guiar pela forma que o ideal assume. Não se trata de um partido, de um grupo de ação, de uma estratégia, de uma ideologia, de um sistema. Se nos concentrarmos demasiado nisso, surgem o dogmatismo e o interesse partidário, e o ideal desintegra-se e perde a sua alma. É claro que a organização é sempre necessária, mas é o meio e não o fim.

Se estivermos demasiado apegados à forma de um ideal, é muito provável que coloquemos o ideal fora de nós. Ele se torna um desejo externo. Vê todo o tipo de obstáculos para que o ideal não possa ser realizado. Acredita que o presidente, o governo, o seu patrão, a lei está a impedir-lo de realizar o ideal, o que faz com que comece a lutar contra os outros em vez de lutar pelo ideal: a ideia de como deve ser, tal como sabe no seu íntimo.

Portanto: não lute pelo seu ideal, vivam-no. *Sê* o ideal. Se lutarmos por ele, colocamo-lo fora de nós; se o vivermos, concentramo-nos na sua alma.

Um exemplo maravilhoso de como viver um ideal aconteceu em algumas favelas do Rio de Janeiro. Durante a pandemia de covid, essas favelas foram privadas de todos os tipos de comodidades. As pessoas não podiam trabalhar. As lojas não tinham comida para vender. As medidas de higiene eram pouco praticáveis. Faltava de tudo. Em vez de esperar que a Câmara Municipal actuasse, os habitantes, na medida das suas possibilidades, tomaram as medidas necessárias para sobreviver à pandemia. Foi organizada a distribuição de alimentos e protetores bucais. Como nem todos tinham acesso à água, as pessoas foram encorajadas a partilhar a água disponível. Apesar do isolamento social, mantendo a distância uns dos outros, desenvolveu-se uma cooperação maravilhosa.⁽¹²⁾

Todos podem viver o seu ideal. “Ninguém é tão ocupado ou tão pobre que não possa criar um ideal nobre e segui-lo”, disse Helena P. Blavatsky.⁽¹³⁾

Portanto: não espere pelos outros. Olhe para a alma do seu ideal. Se essa alma estiver viva, encontraremos sem dúvida a criatividade dentro de nós para dar forma ao ideal na sociedade.

Referências

1. Podcast: “The Witch Trials of J.K. Rowling”, (“Os Julgamentos das Bruxas de J.K. Rowling”), capítulo 3.
 2. Fonte: <https://www.unhcr.org/about-unhcr/who-we-are/1951-refugee-convention>.
 3. Ver por exemplo: <https://www.euronews.com/2023/03/28/amnesty-international-report-denounces-the-wests-double-standards>.
 4. Barend Voorham, “The Grand Inquisitor, Is man capable of living ethically?” (“O Grande Inquisidor, será o homem capaz de viver eticamente?”) Artigo em: *Lucifer the Light-bringer*, número 2, abril de 2023, p. 58-63.
 5. Ver, por exemplo: Catherine Nixey, *The Darkening Age (A Idade das Trevas)*. Pan Books, 2017.
 6. *Alcorão*, Sura 2, versículo 256.
 7. H.P. Blavatsky, “The Religion of the Future”, (“A Religião do Futuro”). Artigo em: *The Theosophist*, volume IV, número 8, maio de 1883, p. 205-206. Também incluído em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings. Volume IV*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1981, p. 451-453.
 8. Lao-Tsé, *Tao Te Ching*, verso 57. Fonte: <https://taoism.net/tao-te-ching-online-translation/>. Existem muitas traduções.
 9. H.P. Blavatsky, *Chave para a Teosofia*. Setor 12 (“O Que É Teosofia Prática?”), capítulo “Dever”, última pergunta. Muitas edições.
 10. Sobre o poder das utopias, ver o artigo: Barend Voorham, “Utopia, a terra feliz existe?” Artigo em: *Lucifer, o Portador da Luz*, número 3, dezembro de 2023, p. 88-88.
 11. H.P. Blavatsky, “Carta de H.P. Blavatsky à segunda Convenção Americana de 22-23 de abril de 1888”. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings. Volume IX*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1986, p. 246-247.
 12. Fonte: <https://www.un.org/en/coronavirus/brazilE28099s-favelas-organize-fight-covid-19>.
 13. H.P. Blavatsky, “Le cycle nouveau” (O Ciclo Novo). Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings (Escritos Coleccionados)*. Volume XI. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1973, p. 121, p. 135].
-

Imparcialidade: garantia de paz



Pensamentos-chave

- » As potencialidades para viver fraternalmente uns com os outros residem dentro de cada um de nós.
- » O primeiro passo para sair da espiral do ódio é conseguir conhecermo-nos e respeitarmos uns aos outros.
- » Ousar ficar acima das partes, mesmo que isso seja muito difícil nos dias de hoje. Cada esforço dará os seus frutos.

O recente surto de violência entre palestinos e israelitas encheu muita gente de desespero. Os jornalistas falam de que não há esperança sobre uma solução. Os políticos também não conhecem uma solução. Ambas as partes em guerra só acreditam na violência, ou em eliminar ou enfraquecer o oponente. Aqueles que são atingidos pela violência estão desesperados. O tom geral é que as coisas não voltarão a resolver-se.

A partir do conhecimento da Teosofia, nós não podemos acreditar neste desespero, embora possamos naturalmente compreendê-lo. Um dos ensinamentos essenciais da Teosofia é o da divindade intrínseca do ser humano. O potencial para vivermos uns com os outros em paz e fraternidade reside dentro de cada um de nós. A tragédia, contudo, é que não desenvolvemos ainda este potencial ou desenvolvemo-lo apenas pouco. Ainda não aprendemos a evitar os conflitos e também seguramente a não os resolver. Temos ainda um longo caminho a percorrer. E estamos numa altura boa para começar a fazê-lo. Não amanhã, não depois de um incidente de violência, mas AGORA.

Amor e ódio

O maior obstáculo para conseguir achar soluções reais para a guerra é porque um lado vê o outro como a

personificação do mal. A culpa do conflito reside no “inimigo”. Temos um inimigo, vemo-lo como um demónio, um bruto.

Todavia, odiando o inimigo não resolve nada. Qualquer pessoa sensível sabe disso. Há pelo menos 70 anos o conflito do Médio Oriente tem sido caracterizado por actos de retaliação de uns contra os outros. Cada vingança alimenta um contra ataque. De olhos abertos deslizamos para um inferno sempre crescente.

Ainda que matemos o outro, sim, mesmo se matarmos o grupo todo, o conflito não fica resolvido. Apenas se tornou ainda mais severo. Isto pode parecer estranho, mas se se compreender o processo da reencarnação e do karma, logo se torna lógico.

Há no mundo duas forças de ligação: o amor e o ódio. Quanto mais odiamos o outro, tanto mais restringimos o nosso relacionamento. Se nós matarmos um ser humano nosso companheiro numa acção terrorista ou num atentado à bomba, iremos encontrá-lo outra vez na próxima vida. Nós forjámos ou fortalecemos uma ligação. Naturalmente que criámos um relacionamento negativo, mas isso não é menos real do que se fosse baseado no amor e na positividade. Nós próprios escolhemos os nossos amigos e inimigos, nesta vida e na próxima.⁽¹⁾

O círculo dos pais, fórum das famílias

O primeiro passo é deitar fora esta espiral de ódio e vingança, é ser abertos uns com os outros de modo a conhecermo-nos uns aos outros. Devíamos começar a falar uns com os outros. Naturalmente é difícil amar outra pessoa depois de ter perdido um ser que amamos assassinado pela outra parte. Mas alguma neutralidade será possível, em especial quando se pensa que a outra pessoa também perdeu alguém por meio de violência e que a retaliação não trará de volta o ser amado assassinado.

Esta ideia foi a base para *O Círculo dos Pais, Fórum das Famílias* (PCFF). Trata-se de uma organização israelo-palestiniano de mais de 600 famílias, todas elas que perderam um familiar imediato neste conflito decorrente. O principal objectivo do PCFF é trazer as pessoas enlutadas em conjunto, de ambos os lados e pô-las a contar as suas histórias. Os palestinianos e os israelitas explicam uns aos outros porque é que eles escolheram o diálogo em vez da vingança.

Os membros do PCFF organizam encontros com diálogos para jovens e adultos, nas escolas, centros comunitários e outros lugares. Estes encontros são dirigidos por dois membros do PCFF, um israelita e outro palestiniano, que falam acerca das suas histórias pessoais de luto e explicam as suas escolhas pelo diálogo em vez da vingança. Cada encontro tem a duração de 90 minutos e inclui a história pessoal do expositor, a sua caminhada para a reconciliação e uma breve exposição sobre as actividades da PCFF.

Haverá então tempo para perguntas e respostas. Os encontros são falados em hebraico, em árabe e em inglês, dependendo do auditório.. Ao longo dos anos, PCFF reuniu à sua volta um grande número de comunidades envolvidas num grande leque de actividades.

PCFF está também activo noutras áreas. Por exemplo, em conjunto com outros grupos eles organizam um dia de recordação, no qual os participantes oferecem uns aos outros conforto e esperança.

PCFF chegou à conclusão de que o processo de reconciliação entre nações é um pré-requisito para atingir uma paz duradoura. Por consequência, a organização usa todos os meios disponíveis na educação, nas reuniões públicas, e nos meios de comunicação para espalhar as suas ideias.⁽²⁾

Meisir e Metzger: a paz é possível

Mesmo melhor do que resolver conflitos é preveni-los. Se as pessoas se conhecessem e respeitassem umas às outras, sim, se se amassem umas às outras, então o conflito nunca aconteceria. Na verdade, isto é muito simples e aplica-se a todas as pessoas, sejam elas quem forem e qualquer que seja a fé que tenham. Também se aplica aos Palestínianos e aos Israelitas.

No distrito de Haifa, no noroeste de Israel, existe uma pequena aldeia árabe, chamada Meisir. Perto dela fica Metzger, um Kibbutz judeu. Os residentes de ambas as comunidades vivem em paz e amizade uns com os outros há cerca de setenta anos. Quando, justamente depois da

Os habitantes da aldeia palestiniana de Meisir e do Kibbutz Metzger vivem juntos em harmonia desde o início. Os habitantes vêem-se uns aos outros, falam uns com os outros e ajudam-se mutuamente.



segunda guerra mundial, os residentes judeus começaram a construir os seus kibutz, havia poucas facilidades. Por exemplo, não havia nenhuma fonte de água. Então, os residentes da aldeia árabe ofereceram as suas fontes de água enquanto o kibutz não a tinha. Ao mesmo tempo, eles ensinaram os novos residentes judeus como trabalhar a terra. Desta forma, nasceu uma forte amizade, que continua nos dias de hoje e é experimentada como natural por todos os residentes. Tanto os judeus residentes como a população árabe olham esta comunidade como uma família. Simbolicamente, ambas as fontes de água estão conectadas, como prova externa do seu companheirismo. Foi construída um monumento à paz simbolizando a esperança de que, um dia, todos os israelitas e palestinos, seja qual for a fé que cada um tenha, viverão em paz e harmonia uns com os outros.⁽³⁾

Envolvimento imparcial

Estes dois exemplos mostram que, se há algum grau de envolvimento imparcial, pode ser atingida boa paz. Deixemos transformarem-se numa lição para nós. Aqueles que ficam acima das partes podem contribuir para a paz e a harmonia. Portanto, não escolhamos partes ou lados. Escolhamos o *todo*. Se sentimos mais simpatia por um qualquer campo, então devíamos perguntar a nós próprios se estamos realmente a contribuir para uma solução. Muitas discussões acerca deste persistente conflito levam ambos os lados a apegarem-se cada vez mais às suas razões e tornarem-se cada vez mais intolerantes uns para com os outros. Para estranhos relativos, como a maior parte de nós somos, podemos admirar-nos se a discussão deste conflito com outras pessoas faz algum sentido, se nós próprios não estamos convencidos que devemos amar ambas as partes por igual.

O jornalista holandês Joris Luyendijk apontou para o fenómeno psicológico de quando as pessoas tendem a transformar a dor que lhes é infligida a eles próprios, mercê de acções violentas, em raiva. A raiva faz com que não sintam a dor. Fá-lo sentir menos impotente. Mas isso prende-o ainda mais à “sua verdade”.

A raiva pode conduzi-lo à desumanização. Deixa-se de ver a outra pessoa como humano e, portanto, acreditamos que não os temos de tratar como humanos. A desumanização conduz a mais desumanização. É o mecanismo do “olho por olho” do qual resulta o mundo todo ficar cego.

Mesmo se vivemos fora da zona do conflito estamos em perigo porque corremos o risco de sermos arrastados pela visão de uma das partes ou de um partido. É como se

fôssemos forçados a tomar uma decisão. Luyendijk defendia “remar contra a maré”, *não* tomando partido e continuando a ver a humanidade em qualquer pessoa.⁽⁴⁾

Temos ouvido pessoas dizer que sentem mais compaixão por um lado do que por outro. Eles esgotam-se então a apresentar toda a espécie de argumentos e não argumentos, verdades históricas e mentiras, para apoiar as suas opiniões. Mas é impossível sentir compaixão por uma parte e não sentir por outra. A compaixão é universal, não conhece fronteiras e é, por definição, apatidária. Uma pessoa compassiva identifica-se com todos.

Deste modo, tenha a coragem de ficar acima das partes, por difícil que possa ser. Só se formos capazes de fazer isto seremos capazes de descobrir nos representantes de ambos os grupos a sua verdadeira humanidade e encorajá-los. E não nos vamos esquecer que existem incontáveis conflitos no mundo: que as guerras na Europa de Leste, no Sudão e noutros lados são também terríveis, com toda a sua intensidade. Devemos irradiar a nossa simpatia por *toda* a humanidade, com o objectivo de mudar neste planeta as correntes de pensamento.

Precisamos de grande quantidade de paciência e de perseverança. Mas cada esforço sincero dentro do nosso círculo produz frutos. Podemos vencer a dor infligida à nossa volta, e em vez de agir com ódio, oferecemos construtivamente o outro lado da paz. Os exemplos referidos acima demonstra-o. Judeus e muçulmanos podem viver como uma família. *Todo* a humanidade pode viver como uma família.

Referências

1. Eusébio Urban, (pseudónimo de W.Q. Judge) “Friends or enemies in the future”. (“Amigos ou inimigos no futuro”), em *Echoes of the Orient [Ecos do Oriente]*, Volume I, Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 2009, pág. 315-317 (segunda edição revista) pág. 295-297, 1ª edição de 1975).
 2. Para mais informação ver <https://www.theparentscircle.org/en/peff-home-page-en/>
 3. Usámos esta fonte neerlandesa: <https://nos.nl/collectie/13959/video/2495408-hier-leven-palestijnien-en-israeliers-vreedzaam-samen>. Há várias fontes inglesas, por exemplo: <https://peace-with-justice-bill.blogspot.com/2014/01/a-visit-to-palestinian-village-of.html>, and <https://magazine.esra.org.il/posts/entry/where-arabs-and-jews-live-in-harmony.html>. Em ambos, são descritos os enormes desafios que os residentes têm de defrontar as suas convicções originais de igualdade e partilha.
 4. Joris Luyendijk explicou isto no seu programa de entrevista neerlandês: https://www.youtube.com/watch?v=F-Xa4tot3vcab_channel-Khallid26Sophie
-

Perguntas e Respostas

Símbolos universais na prática

O que é que torna um símbolo *universal*?

Um símbolo pode ser chamado de *universal* se expressar um ou mais ensinamentos da Theosophia, que é o conhecimento universal sobre o Homem e a Natureza, conhecimento que é, portanto, sempre e em todos os lugares aplicável. A Theosophia engloba, na sua forma mais pura, as verdades do Cosmos e do Homem. Assim, podemos investigar e testar todos os pensamentos teosóficos por nós mesmos.

Os símbolos são um dos métodos mais usados para representar e ensinar essas verdades. Estes símbolos foram transmitidos e explicados, de idade em idade, por sucessivas gerações de Adeptos. Podem assumir a forma de figuras matemáticas, mitos, contos de fadas, histórias de heróis e também arquitetura e outras formas de arte. Os símbolos universais exprimem um aspeto da Theosophia – e escondem-no, velam-no, ocultam-no ao mesmo tempo, pois se não tiveres as chaves para desvendar as camadas mais profundas, não serás capaz de ver mais fundo do que até um certo nível. Por esta razão, os Sábios utilizam frequentemente símbolos para transmitir a Sabedoria Universal. Não se pode obter deles mais do que se pode processar num determinado momento.

Por exemplo, quando vemos o símbolo da cruz, para a maioria de nós ele não será mais do que uma figura matemática, até que façamos um estudo mais profundo da filosofia por detrás dela. Nessa altura, descobriremos que

tem muitos significados importantes, sendo um deles a manifestação da consciência (a linha vertical) num mundo material (a linha horizontal). A consciência impercível forma um centro ativo num mundo mais material, a fim de ganhar experiência e cumprir o seu papel na rede da vida nesse mundo.

Assim, um símbolo só pode tornar-se um símbolo universal significativo *para nós*, se nos tivermos tornado aptos a compreendê-los. Despertámos em nós as nossas próprias capacidades de intuição e de pensamento imparcial? Estudámos os ensinamentos dos Mestres da Humanidade, nos quais encontramos as pistas essenciais? Só assim poderemos descobrir (algumas) das verdades escondidas nos símbolos universais. Portanto, cada pessoa tem de provar e experimentar o valor dos símbolos por si própria, através da sua própria pesquisa ativa.

Como é que os símbolos universais nos ajudam a levar uma vida mais sábia e inspiradora?

Os símbolos universais foram deliberadamente difundidos entre todas as nações, pelos Sábios dessas nações. Fizeram-no porque sabiam que esses símbolos podiam despertar e preservar as intuições mais profundas desses povos. Os símbolos estimulam-nos a procurar o seu significado e a olhar para trás das formas exteriores do mundo material, para os processos que funcionam por detrás deles. O nosso pensamento “factual” não é capaz de o fazer. Temos de apelar às nossas capacidades mais profundas,

que são mais universais, para encontrar os seus significados.

É por isso que os símbolos podem certamente ajudar-nos a levar uma vida mais sábia e inspiradora. Na medida em que um símbolo nos ajuda a perceber a nossa verdadeira natureza, o nosso núcleo divino e as nossas ligações fundamentais com todos os outros seres, nessa medida eles estimulam-nos a viver de forma sábia, mais de acordo com o nosso verdadeiro Eu. Então, esse símbolo torna-se para nós um símbolo *vivo*: os seus significados tornam-se os factores principais das nossas vidas.

Cada tradição de sabedoria contém todos os pensamentos-chave da Theosophia. No entanto, quando as estudamos, na medida em que as suas escrituras foram preservadas, notamos que, infelizmente, estas tradições degeneraram mais ou menos ao longo dos tempos e, além disso, que muitas vezes enfatizam alguns aspectos enquanto negligenciam outros. Assim, cada filosofia antiga tem as suas “especializações”, embora sem dúvida haja também muitas semelhanças. Por isso, vale a pena estudar os símbolos de *todas* essas tradições. Assim, treina-se para encontrar os significados ocultos que são comuns a todas. E obtém-se uma imagem mais completa da Theosophia, combinando os diferentes aspectos numa imagem maior.

Existe um símbolo para a compaixão?

A compaixão é uma atitude, uma motivação. É a decisão de abrandar



Esquerda:
Avalokiteshvara
de mil braços,
bodhisattva da
compaixão.
Fonte: Museu de
Arte de Filadélfia,
Estados Unidos.



Direita:
Avalokiteshvara,
com uma perna
para baixo
(simbolizando o
mundo exterior
dos homens).
Fonte: Fundação
Pulitzer para as
Artes, St Louis,
Estados Unidos.

ou parar o seu próprio progresso espiritual, sempre que tal seja necessário para ajudar outras pessoas no seu Caminho de desenvolvimento. Essa atitude não é fácil de expressar num símbolo.

No entanto, existem alguns belos exemplos de símbolos que podem despertar a nossa compaixão. Por exemplo, a imagem do Bodhisattva ou Buddha com os 100 braços, estendendo a mão a todas as outras entidades. Ou o Bodhisattva que não está sentado com as pernas cruzadas, mas com uma perna estendida para baixo, tocando o chão – simbolizando o mundo exterior no qual nós, humanos, reencarnamos ciclicamente e tentamos encontrar o nosso caminho.

Um exemplo mais abstrato é a *crux ansata*, o sinal do Ankh, ou seja, o círculo (ou o ovo) colocado por

cima da cruz em T. Este símbolo tem muitos significados e um deles é: a fonte Divina (o círculo, o UNO) sacrifica-se a si própria emanando de si o Universo com todas as suas entidades (a cruz em T), para iluminar e elevar os MUITOS.

Outro símbolo de compaixão é *o muro guardião*: a esfera protetora ou “campo de força” de pensamentos universais e altruístas, construída e mantida por todos os Sábios. Esta esfera rodeia a humanidade em geral e protege-a contra perigos muito sérios, dos quais a pessoa comum não tem consciência.

Qual é a melhor forma de estudar os símbolos?

O primeiro requisito é uma *mente aberta*: a escolha de ser receptivo a outras e mais profundas verdades, pois só assim somos capazes de nos

tornar uma força benéfica no mundo. A Theosophia é infinita nos seus alcances, por isso os seus símbolos também o são. Há pelo menos sete maneiras de interpretar os símbolos universais. Por isso, quando nos sentimos felizes por termos encontrado um significado – assumindo que obtivemos realmente uma percepção relativa – isso não significa certamente que podemos parar de procurar, com a impressão ilusória de que “agora já sei o que significa”. Cada símbolo tem muitas camadas de significado, e nenhum símbolo pode ser totalmente compreendido sem combinar todas essas camadas, e sem envolver todos os outros símbolos antigos. Eles são como as facetas de um diamante. Assim, estudar e praticar símbolos é, de facto, um *modo de vida*. Não termina.

Curso Sabedoria Universal

Por muitos anos, a Sociedade Teosófica de Point Loma tem ministrado os cursos Pensar Diferente e Sabedoria de Vida em três idiomas: holandês, inglês e alemão. Embora esses cursos tenham se mostrado de grande valor ao longo das décadas em que foram ministrados, sentimos a necessidade de escrever um novo curso que contivesse o conteúdo dos dois cursos, mas que fosse mais adaptado aos tempos atuais.

Realizamos vários testes, após os quais foram feitos os aprimoramentos necessários e algumas passagens foram escritas com mais clareza.

O curso é baseado nas três teses fundamentais de *A Doutrina Secreta* de H.P. Blavatsky e nas sete Joias da Sabedoria. Além disso, ele se concentra no Homem e no pensamento humano composto.

Cada aula começa com uma série de ideias-chave para os participantes testarem em suas próprias vidas, sobre as quais podemos trocar ideias uns com os outros com toda a abertura e sinceridade. Uma atmosfera aberta é muito importante para nós. Além disso, em cada lição fazemos uma ou mais perguntas que fornecem orientação para o participante do curso. Como acreditamos que a Teosofia é a filosofia de vida que tanto falta ao mundo, naturalmente esperamos que todos apliquem os pensamentos teosóficos à sua própria maneira na vida. Mas isso é, obviamente, uma questão individual.

O curso será ministrado on-line via Zoom. Como pode haver participantes do Brasil e de Portugal – ou falantes de português em outros países – tentamos encontrar um cronograma que atenda a todos.

Para levar em conta o conteúdo das aulas, a experiência mostra que obtemos os melhores resultados se adotarmos um intervalo de 14 dias.

Começamos o curso em terça-feira 2 de abril. Como julho e agosto são meses de férias na Europa, fizemos uma pausa de dois meses. O horário de início é 21:00 CEST (20:00 em Portugal; 16:00 ou 17:00 no Brasil, dependendo do horário de verão na Europa). Há 14 aulas, com a possibilidade de aulas extras. Se algumas lições exigirem maior atenção.

AS SESSÕES

- | | |
|---|---|
| 1. Unidade | 10. Construção de uma imagem ideal |
| 2. Realidade e ilusão | 11. Dois caminhos, uma escolha baseada em princípios |
| 3. Sete aspectos do pensamento | 12. Conhecer a si mesmo |
| 4. Autoconhecimento | 13. Pensar de forma revelada |
| 5. Pesquisa provisória | 14. Sociedade Teosófica - Point Loma |
| 6. Pensamentos e formação de caráter | |
| 7. Ciclicidade e karma | Se você quiser participar do curso de Sabedoria Universal, escreva- um e-mail para info@blavatskyhouse.org |
| 8. Hierarquias de consciência e o processo de emanção | Se tiver alguma dúvida, escreve para nós. |
| 9. Autorrealização (swabhāva) e evolução progressiva | |

Lúcifer®

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwehand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 22.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial:

luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é "Stichting International Study-centre for Independent Search for truth". A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim. A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. É o 50872.



Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).